

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LUCAS IANTORNO KLOTZ

A ÉTICA BURGUESA DE D. N. MCCLOSKEY: UMA DISCUSSÃO SOBRE O SEU  
MÉTODO

CURITIBA

2018

LUCAS IANTORNO KLOTZ

A ÉTICA BURGUESA DE D. N. MCCLOSKEY: UMA DISCUSSÃO SOBRE O SEU  
MÉTODO

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientador: Prof. Dr. Jose Guilherme Silva Vieira

CURITIBA

2018

## **TERMO DE APROVAÇÃO**

LUCAS IANTORNO KLOTZ

### **A ÉTICA BURGUESA DE D. N. MCCLOSKEY: UMA DISCUSSÃO SOBRE O SEU MÉTODO**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Ciências Econômicas, Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

---

Prof. Dr. Jose Guilherme Silva Vieira

Orientador – Departamento de Economia, Universidade Federal do Paraná

---

Prof(a). Dr(a). Iara Vigo de Lima

Departamento de Economia, Universidade Federal do Paraná

---

Prof. Dr. Eduardo Angeli

Departamento de Economia, Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 28 de Novembro de 2018.

Aos meus pais, pelo cuidado e carinho nos ensinamentos da vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, gostaria de agradecer ao Professor Dr. Jose Guilherme Silva Vieira, que desde a Feira de Cursos da UFPR em 2014, me incentivou a estudar esse campo de diversas maneiras. Como orientador de Iniciação Científica e de Monografia, meu agradecimento a paciência e discussões de ideias para que tais trabalhos pudessem ser concretizados. Também, gostaria de agradecer a banca avaliadora do presente trabalho, Prof(a). Dr(a). Iara Vigo de Lima e Prof. Dr. Eduardo Angeli, pelos eventuais elogios, críticas e questionamentos no objetivo de contribuir na fundamentação da monografia.

Por fim, fica meu agradecimento e desejo de felicidade ao restante do corpo docente do Departamento de Economia e aos meus colegas, que juntos passamos por um processo intelectual imensurável na tarefa de compreendermos melhor o mundo que nos cerca.

“A rhetorical approach to economic texts is machine-building, not machine-breaking. It is not an invitation to irrationality in argument. Quite the contrary. It is an invitation to leave the irrationality of an artificially narrowed range of argument and to move to the rationality of arguing like human beings.”  
(MCCLOSKEY, 1998, p. 168).

## RESUMO

D. N. McCloskey é uma economista plural. A norte americana tem um amplo universo de pesquisa na Ciência Econômica, incluindo o da história, metodologia, política, estatística, linguagem, ética, entre outros temas. Seu mais recente esforço de trabalho, a Trilogia Burguesa - ou Era Burguesa - (2006, 2010 e 2016a) é uma forma de demonstrar tais disciplinas em uma releitura sobre as origens do mundo moderno. As teorias convencionais determinam que a ascensão da Era Moderna se deu através de postulados como acúmulo de capital, as Instituições ou até mesmo o Imperialismo dos países europeus centrais. A Trilogia Burguesa de McCloskey contra argumenta que o principal instrumento que garantiu, entre os séculos XVIII e XIX, o aumento de produtividade, o enriquecimento e a melhora dos povos europeus foram as ideias de inovação e descoberta, através de um discurso liberal liderado pela classe burguesa. Os burgueses têm sido marcados de maneira pejorativa, sendo elencados como trapaceiros e gananciosos. A Era Burguesa de McCloskey sugere, entretanto, uma visão ética do comércio em que a busca pelo lucro através da liberdade de ideias e virtudes balanceadas formam o verdadeiro burguês, substituindo a violência dos cleros conservador e socialista/progressista pelo poder da persuasão da burguesia. Como reflexo do seu trabalho pioneiro de 1983, posteriormente publicado como livro, *“The Rhetoric of Economics”* (1985), McCloskey garante uma retórica liberal do movimento burguês. Portanto, o trabalho tem o objetivo de compreender como McCloskey garantiu uma nova leitura da origem do mundo moderno. Argumentamos como a Retórica é o princípio chave da Trilogia Burguesa de McCloskey e de seu método. Para tal tarefa, iremos investigar das principais influências liberais, alinhadas com a retórica da Era Burguesa que contribuem na construção do nosso argumento. Em seguida, averiguamos a discussão da *“Retórica da Economia”* (1985) e dos trabalhos vinculados a esta, além do debate de McCloskey com o economista francês Thomas Piketty (2014). Por consequência, a união entre o método e a ética de McCloskey nos torna capazes de compreender a sua reavaliação dos séculos XVIII e XIX assim como sua proposta liberal de enriquecimento dos povos no momento atual.

Palavras-chave: Deirdre N. McCloskey. Retórica. Ética. Liberalismo. Metodologia. História Econômica.

## ABSTRACT

D. N. McCloskey is a plural economist. The American economist has a great universe of research in Economics, including studies on History, Methodology, Politics, Statistics, Language, Ethics, etc. Her most recent work effort, *Bourgeois Trilogy* – or *Bourgeois Era* – (2006, 2010 and 2016a) is a demonstration of those fields on a revaluation about the origins of the modern world. The conventional theories determine that the rise of the Modern Era was through ideas such as capital accumulation, the Institutions or even the Imperialism of the central countries from Europe. McCloskey's *Bourgeois Trilogy* counter argues the main instrument that guaranteed, between eighteenth and nineteenth centuries, rise of productivity, the enrichment and improvement of the European people was the ideas of innovation and discovery through a liberal discourse leaded by the bourgeoisie. The bourgeois have been marked as cheaters and greedy, specially in the twenty-first century. McCloskey's *Bourgeois Era* suggests, however, an ethical perspective of the commerce in which the chase for profit united with well balanced seven virtues contemplate the true bourgeois. McCloskey's work wishes to substitute the violence from the conservative and socialist clerisy in exchange for the power of the bourgeoisie's persuasion. As a reflex of her pioneer work on the 1983, later published as a book, "The Rhetoric of Economics" (1998), McCloskey guarantees a liberal rhetoric to bourgeois movement. Therefore, the following work aims to understand how, in an ethical and methodological ways, McCloskey guarantees a new reading of the birth of the modern world. We argue how the discourse and words through McCloskey's method are the main key for understanding the *Bourgeois Era*. For such task, we shall investigate the liberal influences aligned with the *Bourgeois Trilogy's* rhetoric. Then, we visit "The Rhetoric of Economics" (1998) discussion and the works around it, besides McCloskey's debate with the French economist Thomas Piketty (2014), exposing her discourse and beliefs. Therefore, once the method and ethics are united, we are capable of comprehending McCloskey's revaluation of the eighteenth and nineteenth centuries as well as her nowadays liberal proposal for the enrichment of societies around the world.

**Keywords:** D. N. McCloskey. Rhetoric. Ethics. Liberalism. Methodology. Economic History.



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2 A ERA BURGUESA.....</b>	<b>12</b>
<b>3 OS LIBERAIS DA ERA BURGUESA .....</b>	<b>19</b>
3.1 A FILOSOFIA POLÍTICA DOS CLÁSSICOS: JOHN LOCKE, ADAM SMITH E JOHN STUART MILL .....	19
3.2 CAPITALISMO, LIBERDADE E CHICAGO: O CASO DE MILTON FRIEDMAN ....	26
3.3 INOVAÇÃO E DESCOBERTA: A INTERPRETAÇÃO AUSTRIACA DO MUNDO MODERNO .....	33
<b>4 DO MÉTODO A ÉTICA: UMA ABORDAGEM RETÓRICA .....</b>	<b>39</b>
4.1 O CASO DE THOMAS PIKETTY E O SEU “CAPITAL NO SÉCULO XXI” .....	46
<b>5 UMA PROPOSTA OTIMISTA PARA O SÉCULO XXI .....</b>	<b>57</b>
5.1 MCCLOSKEY, HAYEK E O CLERO .....	58
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>64</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>67</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Deirdre N. McCloskey demonstrou interesse e motivação em diversas áreas das Ciências Sociais. No início de sua trajetória acadêmica investigou a história econômica da Grã-Bretanha, incluindo seu renomado artigo de 1970 “*Did Victorian Britain Fail?*”. Na década de 1980, se aventurou na filosofia da ciência, promovendo trabalhos de metodologia e desafiando o positivismo lógico na Economia. A obra mais famosa desse período foi, sem dúvida, a publicação de seu clássico livro de 1985 “*The Rhetoric of Economics*”.

A partir da década de 1990, McCloskey iniciou seus estudos no campo da ética e da defesa das virtudes burguesas. Em 2006, publicou o primeiro livro da chamada *Bourgeois Trilogy*, “*The Bourgeois Virtues: Ethics for an Age of Commerce*”. Nota-se que a trajetória de seus trabalhos influenciou de maneira direta sua reavaliação da classe burguesa, tema que iremos discutir no decorrer desse trabalho. Com os resultados de sua pesquisa na história econômica do Reino Unido, com a importância da Retórica e da Ética na Economia, McCloskey desejou elencar uma nova perspectiva para a origem do mundo moderno.

As teorias convencionais – abordadas por economistas e historiadores – postulam como causa da Revolução Industrial<sup>1</sup> no Reino Unido o acúmulo de capital, a presença de direitos de propriedade (ligados às Instituições), imperialismo inglês ou até mesmo posição geográfica. McCloskey (2010) contra argumenta que, para gerar o chamado Grande Enriquecimento, tais variáveis ou não tiveram o efeito necessário/suficiente – como o imperialismo que apenas enriqueceu classes sociais específicas -, ou já estavam muito bem consolidados na sociedade inglesa – caso dos direitos de propriedade – ou foram apenas uma consequência do movimento como um todo, por exemplo, o acúmulo de capital. Dessa forma, para McCloskey, a verdadeira causa pela qual o mundo moderno se iniciou no Reino Unido – com influências anteriores na Holanda – foram as ideias liberais de inovação e descoberta cuja propagação foi fomentada pelas pessoas comuns da classe burguesa.

A burguesia tem sido marcada como uma classe gananciosa e trapaceira. As sociedades enxergam pejorativamente a classe burguesa como uma fonte de busca incansável pelo lucro. McCloskey procura resgatar a imagem do burguês em sua Era Burguesa. Neste trabalho iremos demonstrar os principais aspectos da Trilogia e da Retórica de McCloskey.

---

<sup>1</sup> No presente trabalho colocaremos a Revolução Industrial como marco inicial do mundo moderno.

O que queremos descobrir de fato é como McCloskey realiza a releitura da origem do mundo moderno entre os séculos XVIII e XIX. Investigaremos a retórica mccloskeyana em ótica do seu método. Acredita-se que a pesquisa de McCloskey sobre a Retórica e a defesa desta como um método de investigação tenha sido uma tentativa da norte americana de firmar as bases para o seu estudo sobre a classe burguesa na Trilogia.

Além dessa introdução, o trabalho apresentará ainda 5 seções. Na seção 2 iremos discutir os fundamentos da “Era Burguesa”: como as virtudes, a liberdade e a retórica se tornaram pilares na reavaliação do mundo moderno. Na seção 3, elencaremos as influências de pensadores liberais na construção do discurso da “Era Burguesa” mccloskeyana. Abordaremos Locke, Smith e Mill como exemplares do Liberalismo Clássico. Depois, uma análise acerca da Escola de Chicago de Economia, investigando até que ponto McCloskey está/esteve alinhada com o pensamento do programa. Para corroborar a pesquisa, analisaremos a obra de Milton Friedman “Capitalismo e Liberdade” (2002). Por fim, visitaremos “A Teoria do Desenvolvimento Econômico” (1982) de Schumpeter, além da relação do *Entrepreneurial Discovery* da Escola Austríaca de Economia com o trabalho de McCloskey.

Na seção 4 visitaremos a Retórica como o método de Deirdre N. McCloskey e sua crítica ao Positivismo Lógico. Os trabalhos pioneiros da década de 1980 estão diretamente relacionados com a “Trilogia Burguesa”. Discute-se então a obra “*The Rhetoric of Economics*” (1998) e demais artigos correlacionados ao tema. Além disso, ilustraremos um debate com Thomas Piketty e sua obra “Capital no Século XXI”. Isso porque McCloskey (2014) realizou uma revisão metodológica e ética do trabalho do francês, o que se mostrou bastante útil para a construção da ideia da presente monografia.

A seção 5, uma vez já exposta toda a estrutura do pensamento mccloskeyano retratado através da Retórica, abordaremos a proposta liberal que a norte americana sugere para esse século XXI. Na seção 6, por conseguinte, serão feitas as considerações finais.

## 2 A ERA BURGUESA

A classe burguesa, no século XVIII, era vista de maneira pejorativa pelo clero – intelectuais e indivíduos bem-educados tanto da direita quanto da esquerda. Para eles, o burguês representava a trapaça, a ganância e a busca incessável por lucro. A “Trilogia Burguesa” é uma visão alternativa dessa mesma classe de indivíduos. O projeto de McCloskey retira o protagonismo de ideias como acumulação de capital, posição geográfica ou Instituições quando o assunto é a origem do mundo moderno – ou o porquê de a Revolução Industrial ter se dado no Reino Unido. A Era Burguesa pretende, dessa forma, focar nas ideias. Especificamente nas ideias liberais que atuaram – e atuam – sobre as pessoas comuns. Países como a China e o Egito já praticavam o acúmulo de capital, o comércio exterior e já detinham de leis de direitos de propriedades muito antes do século XVIII, e nem por isso foram pioneiros na grande marcha de crescimento e desenvolvimento econômicos.

Para McCloskey (2010 e 2016a), o que faltava para esses países era a liberdade de ideias. Faltou-lhes um cenário em que as pessoas comuns tivessem a oportunidade de mobilizar a sociedade com inovações. Na Holanda e no Reino Unido em contrapartida, profissionais como dentistas, professores, engenheiros e escritores que inovaram de alguma maneira seus ramos, tinham a liberdade para tal porque eram vistos como dignos e virtuosos. A Era Burguesa determina assim, três pilares: o primeiro são as Virtudes da burguesia; o segundo a Liberdade e a Dignidade; o terceiro, e último, a Retórica.

Em seu primeiro livro da Trilogia, “*The Bourgeois Virtues: Ethics for an Age of Commerce*”, McCloskey (2006) deixa uma mensagem central de que o indivíduo pode ser bom – virtuoso – no capitalismo. Existe uma ética dentro do comércio. O mercado é um local de constantes inovações em que comprar um bem por um preço baixo ( $p_1$ ) e vendê-lo ao preço maior ( $p_2$ ) é aceitável e digno. Salienta-se aqui, obviamente, não só o mesmo bem, mas derivações deste, ocorrendo de maneira semelhante com os serviços. É um cenário em que o sistema capitalista não pode ser resumido em ganância ou trapaça. O que a economista enfatiza durante todo seu trabalho é a presença de um *payoff* ético – entre os séculos XVIII e XXI – em que as pessoas comuns aproveitam as inovações de terceiros, os novos bens, serviços e métodos. O preço meramente reflete o Sistema de Preços: as pessoas entendem que há lucro por parte dos ofertantes, mas entende-se também que há a vontade de consumir um determinado bem ou serviço por parte da demanda, resultado disso é o preço do mercado. McCloskey deseja que o leitor entenda esse cenário como harmonioso, ao contrário de malfeitor.

É importante salientar que McCloskey (2006, p.1) não considera a classe burguesa perfeita, inibida de qualquer culpa dos eventuais retrocessos ou retardos dos desenvolvimentos social e econômico,

(...) a middle class is capable of evil (...) The American bourgeoisie organized official and unofficial apartheid. It conspired against unions. It supported the excesses of nationalism (...) It claimed credit for a religious faith that had no apparent influence on its behavior.<sup>2</sup>

Entretanto, a economista entende que a *bourgeois life* se torna nossa melhor alternativa para enriquecermos e melhorarmos. Para isso, é indispensável o equilíbrio das sete virtudes: Amor, Esperança, Fé – as virtudes cristãs –, Prudência, Temperamento, Coragem e Justiça – as virtudes pagãs. A ideia é que um indivíduo virtuosamente balanceado é o burguês ou burguesa que inova, tolera, é digno e livre dentro de uma sociedade capitalista<sup>3</sup>.

O que se entende por *virtude*, a partir de McCloskey (2006), é um hábito estável de disposição, caráter e educado de se praticar o bem e a *ética* é um sistema em que tais práticas se unem. Elencaremos brevemente o que as virtudes citadas representam no modo de vida burguês.

A *Justiça* representa o equilíbrio social, um dever tanto do Estado como dos indivíduos; a igualdade social perante a lei. O *Temperamento* seria como a *Justiça*, mas em uma ótica individual, quando cada pessoa age de maneira moderada, aproveitando-se de suas ações sem sobrepor a dos outros. A *Coragem* é uma virtude extremamente comum nos antigos contos gregos e representa a força para agir (no caso comercial burguês, a vontade de inovar e lucrar). Somando Coragem e Justiça, temos a honestidade. Por fim, talvez a mais importante e controversa das quatro virtudes: a *Prudência*<sup>4</sup>. A Prudência representa o conhecimento

---

<sup>2</sup> Alguns pontos precisam ser elencados. Primeiramente a noção de “classe média”: de uma maneira geral, é o conjunto de todos os indivíduos – burgueses ou não –, que se encontram em uma faixa de renda que não seja de pobreza ou de excessiva riqueza. Em boa parte do trabalho utilizaremos o termo “burguesia” ou pessoas comuns (esta de maneira complementar), justamente para elencar o essencial que McCloskey defende. Em segundo lugar, em eventuais momentos da literatura, a economista se refere ao “American Bourgeoisie” ou “American Liberalism” (ver McCloskey 2017). Um dos nossos objetivos é trazer o essencial do pensamento mccloskeyano para futuros debates mais próximos, como é o caso dos que ocorrem na América Latina.

<sup>3</sup> McCloskey (2010, 2014, 2016, 2017) prefere o termo “trade-tested betterment” ao invés de “capitalismo”, justamente porque o primeiro retira o protagonismo do acúmulo de capital e garante maior importância às melhorias, testadas através da livre iniciativa.

<sup>4</sup> A trajetória mccloskeyana trata da prudência em diversas oportunidades. Além do senso ético, temos também o fator metodológico dentro da Retórica (ver McCloskey 1983, 1985, 2006, 2010 e 2016).

adquirido, o auto interesse, a racionalidade e, em termos mais técnicos, a maximização de utilidade da teoria microeconômica convencional.

Além dessas virtudes pagãs, há também as cristãs. McCloskey acredita que o equilíbrio burguês tem uma influência transcendental – é claro que não há uma coerção religiosa em seu trabalho, a ideia é que a religião tem o seu papel na ética burguesa. Dessa forma, temos *Esperança*, *Fé* e o *Amor*. A Esperança simboliza o otimismo, a imaginação e, juntamente da coragem, o empreendedorismo, algo como o *entrepreneur* de Schumpeter (1982); a Fé representa a identidade, a integridade. Por último, o Amor é o contato mais forte com o plano metafísico, com o Deus de cada crença. Valores como Amizade, Apreço e Afeto são derivações desta última, tendo também o seu papel no comércio, seja na criação de parcerias, seja em ações de caridade. Há um lado cristão forte em McCloskey (ela mesmo se denomina uma libertária cristã), no sentido em que ela é uma liberal que detém de uma real preocupação com os pobres e as minorias. Na realidade, esse é um dos pontos que ela tentou provar na sua “Trilogia Burguesa”: o verdadeiro liberal se preocupa com a pobreza e deseja ajudar as classes mais necessitadas.

As sete virtudes, em equilíbrio, formam a “*ética da classe burguesa*”. McCloskey (2006) mescla algumas virtudes para apresentar derivações como o caso da honestidade, do empreendedorismo e da solidariedade. São tais ideias que determinam a ética da Era do Comércio. A ideia de que o indivíduo é *bom* e *virtuoso* na dinâmica comercial se converte em um pilar da *Bourgeois Era* de McCloskey.

A defesa da burguesia continua em 2010, com a publicação do segundo livro da trilogia: “*Bourgeois Dignity: Why Economics can’t Explain the Modern World*”. McCloskey (2010, p. 1) resume o objetivo da obra, “The modern world was an economic tide, but did not have economic causes.”. Nesse trabalho foram listados diversos fatores que muitos economistas ou historiadores apresentam como causas ou razões para o enriquecimento do mundo moderno. A economista norte americana contrapõe essas ideias. McCloskey não se dedicou a negar os trabalhos clássicos que, para ela, buscam explicar as influências ou consequências da prosperidade do mundo moderno, postula. O segundo volume da “Trilogia Burguesa” estava preocupado, no entanto, com a origem, o gatilho dessas transformações que, para a autora, não estavam e nem são compreendidos.

O que McCloskey (2010) questiona é como as sociedades do Oeste passaram a viver, em média, de U\$3 por dia – em 1800 – para U\$100 por dia – no século XXI. O que chama a

atenção é que o salto de riqueza, ocorrido do século XVIII até a atualidade, atingiu as pessoas comuns. Logicamente, não se discute aqui apenas os ganhos monetários, mas também a qualidade de vida. Em termos de educação, saúde, direitos e tolerância, as sociedades progrediram<sup>5</sup>. As pessoas comuns se tornaram melhores educadas; vacinas e tratamentos contribuíram com a redução – ou controle – de doenças; mulheres conquistaram o direito ao voto e a entrada no mercado de trabalho; a escravidão e demais ataques a diferentes raças ou etnias retraíram-se. Houve também melhoria nos métodos de produção que fomentam a criação de novos “bens” (remédios, vestimentas, pessoas educadas, viagens aéreas) através do uso da eletricidade, do conhecimento produzido nas universidades e a partir do uso de eletrônicos.<sup>6</sup>

Considerando que as explicações usuais do progresso econômico e social dos historiadores e economistas estão equivocadas, McCloskey se pergunta: O que garantiu o chamado Grande Enriquecimento? O que fez as pessoas se tornarem mais ricas e melhores? A pensadora acredita ter sido o discurso.

O século XVIII garantiu um início de transformação argumentativa em que a liberdade tornou os indivíduos inovadores, livres dignos para inovar em seus respectivos ramos de negócio. Para McCloskey (2010, p.9),

It [o discurso] initiates a humanistic Science of the economy, “humanomics” as the economist Bart Wilson calls it. Speech, not material changes in foreign trade or domestic investment, caused proximally the nonlinearities, or (expressed in more conventional theorizing) the leaping out of the production curve, the imaginings of possible lives. We know this empirically in part because trade and investment were ancient routines, but the new dignity and liberty for ordinary people were unique to the age. What was unique was a new climate of persuasion, out there in the shops and streets and coffeehouses populated by the bourgeoisie.

Em outras palavras, essas pessoas se tornaram burguesas, além de reestruturarem a classe como um todo. Não apenas adquirindo maior relevância no comércio, mas também na elite intelectual das sociedades com consequências para o surgimento de novos arranjos institucionais.

---

<sup>5</sup> A segunda parte da trilogia tem um enfoque especial em países como China e Índia, que a partir do final do século XX, passaram a abraçar alguns aspectos do Liberalismo, em especial o livre comércio. McCloskey (2010), entretanto, afirma que em questões sociais, há muito o que progredir (e.g a abolição do sistema indiano de castas e o regime unipartidário chinês).

<sup>6</sup> McCloskey, quando trata do Grande Enriquecimento do mundo moderno, define os produtos ou bens criados qualquer instrumento que é utilizado na formulação de novas ideias (por isso parece estranho colocar, na mesma categoria, a educação das pessoas e aviões, por exemplo).

A *dignidade* motivou a inovação e a *liberdade* a livre iniciativa. A ideia é que a classe burguesa se tornou honrável e honesta para as demais. Sustenta-se que tal cenário tenha sido derivado de uma mudança retórica - assunto central nos trabalhos de McCloskey e que debateremos adiante – que protegeu as pessoas comuns dispostas a inovar. McCloskey (2010, p.25) afirma que “the idea of a dignified and free bourgeoisie let do ideas of the steam engine and mass marketing and democracy”.

Diante de tal situação, o presente trabalho apresenta o segundo pilar da Era Burguesa: a Liberdade e a Dignidade. Em McCloskey (2010), define-se a *dignidade* como a opinião que os outros têm sobre o indivíduo, em nosso caso, os donos de estabelecimentos comerciais, os professores e engenheiros; a *liberdade* representa as leis que prendem tais pessoas. O que aconteceu no século XVIII, e para a autora ainda acontece – e acontecerá - é que tanto a opinião como as leis<sup>7</sup> garantiram o cenário e os instrumentos para a burguesia criar o mundo moderno.

Isso tudo nos leva a última obra da Trilogia, “*Bourgeois Equality: How Ideas, not capital or Institutions enriched the world*” (2016<sup>a</sup>). Até agora introduzimos as virtudes que formam um *well balanced* burguês. Além de citarmos a Liberdade e a Dignidade como meios de inovação, no terceiro volume da sua Era Burguesa, McCloskey retoma um tema corriqueiro em seu trabalho de vida e já citado no seu manifesto da classe burguesa: a Retórica. A ideia é que, *prima facie*, a mudança no discurso ocorrido – primeiramente na Inglaterra e Holanda e, posteriormente no resto do mundo, com ênfase na sociedade norte americana – tornou, e torna, as pessoas iguais. É seguro postular que o livro é uma defesa de um dos pilares do Liberalismo – cujo tema será explorado *a posteriori* nesse trabalho - que se encontra esquecido nesse século XXI: A Igualdade Social (diretamente ligada a igualdade de oportunidades). O tema central dessa obra é que o McCloskey (2010 e 2016a) chama de “Acordo Burguês”, ou o *Bourgeois Deal*. Um movimento retórico que tornou as pessoas comuns aceitas nas sociedades, e além disso, garantiu a elas mobilidade social

Durante os séculos X e XVI, o mundo detinha de uma Aristocracia que governou e regulou o dia a dia dos indivíduos. Excessos de privilégios, riquezas abundantes e, principalmente guerras. As camadas inferiores não tinham acesso à educação, trabalhos bem

---

<sup>7</sup> As leis não são apenas denotadas em termos judiciais. Há também a ótica ética, por isso a importância de se observar a Liberdade e a Dignidade em conjuntos. Contrariando os pesquisadores reducionistas do tão discutido Prudence Only, McCloskey (2010, p.11) afirma que “The society and the economy interact. (...) Laws can change without a change in opinion. Consider prohibition of alcohol and then drugs over the past ninety years. And opinion can change without a change in laws. Consider the decades-long drift toward independence among the English North American colonists”. (ver também McCloskey 2014, 2017).



remunerados, direitos de ir e vir, oportunidades de inovar e crescer. O que a *Bourgeois Equality* de McCloskey demonstra é que a partir dos anos 1500, com o início de acesso a literatura, influências da Renascença e do Iluminismo, as pessoas comuns passaram a refletir mais sobre as sociedades nas quais estavam inseridas.

McCloskey (2016a) apresentou os 4 Rs: *Reading, Reformation, Revolt e Revolution* como marcos para esse processo de transformações. De certa maneira, para a autora, as então chamadas classes médias se mostraram descontentes com o estilo de vida da Aristocracia – tome como exemplo movimentos como as Revoluções Gloriosa e Francesa. A diminuição de poder aristocrático e a ascensão de regimes democráticos abriu uma janela de oportunidade para as ideias Liberais.

Liberdade Individual para ir e vir, abrir uma loja, discutir ideias; Liberdade Econômica para comprar bens de outros países e ignorar os preços estipulados pelos mercantilistas; Igualdade Social para abolir a escravidão – mesmo que tenha tomado mais tempo que os dois primeiros – e julgar o indivíduo pelos seus valores, não por raça ou etnia. Essa era a base e o argumento do Acordo Burguês, iniciado entre os anos 1700 e 1800, que através dos 4 Rs, para McCloskey (2016a, p. XXXVI) “caused liberal equality, which caused the Bourgeois Revaluation, which caused The Great Enrichment”<sup>8</sup>.

O novo cenário no Oeste europeu originou-se de uma mudança retórica, iniciada na Holanda, ganhando muita força no Reino Unido e depois, no restante do mundo e esse é o terceiro pilar da trilogia mccloskeyana. Se observado com cuidado, a verdadeira classe burguesa, com suas setes virtudes balanceadas, tornou-se livre e digna através do poder das palavras no século XVIII. Os pilares se complementam e, segundo McCloskey (2016a, p.403), causaram o mundo moderno e seu Grande Enriquecimento – que ainda acontece:

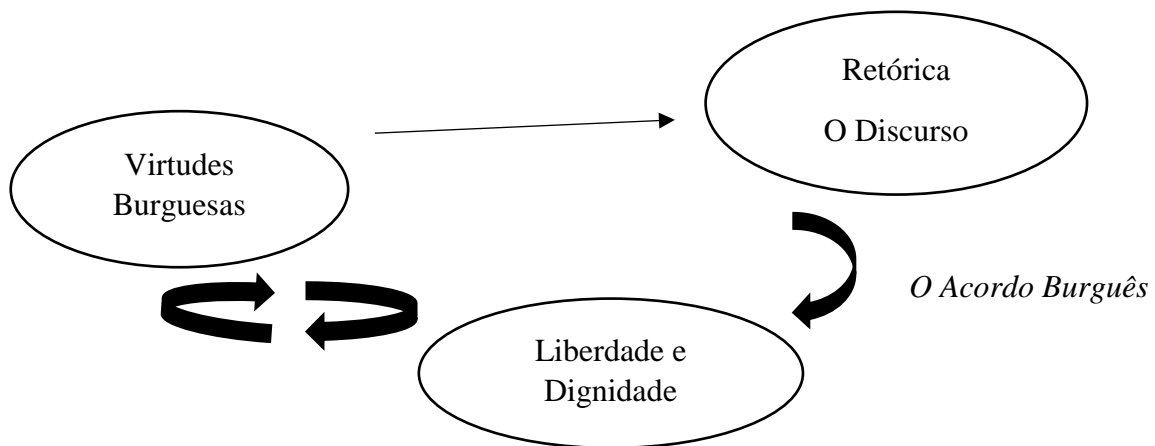
What did “rise” as a result was not trade itself but trade-tested betterment. The idea of equality of liberty and dignity for all humans caused, and then protected, a startling material and then spiritual progress. What was crucial in Europe and its offshoots was the new economic liberty and social dignity for the swelling bourgeois segment of commoners, encouraged after 1700 in England and especially after 1800 on a wider scale to perform massive betterments, the discovery of new ways of doing things tested by increasingly free trade.

---

<sup>8</sup> É importante salientar, como já observado nessa introdução, que McCloskey se considera uma otimista. Em alguns momentos da literatura observa-se que sua ideia de Grande Enriquecimento é um movimento que se prolongará no decorrer das décadas. Para um leitor leigo isso se mostra muito bonito – principalmente para o clero da direita. Entretanto, para nós economistas, é preciso cuidado, a Ciência Econômica é um campo estranho e previsões, as vezes, são meras profecias.

Diante de tal situação, os três pilares podem ser analisados na Ilustração 1. A Reavaliação Burguesa de McCloskey tem dois sentidos: o primeiro é a própria redefinição de valor da classe burguesa, o que envolve a discussão das virtudes do *Bourgeois Virtues*; o segundo sentido explicita o movimento liberal que ocorreu no Reino Unido no século XVIII. Os três pilares de McCloskey formam o Liberalismo observado da época. Dessa maneira, como se observa, as virtudes burguesas estão diretamente relacionadas com a liberdade e dignidade do burguês. Por exemplo, a *Prudência* do auto interesse, a *Coragem* para inovar e a *Justiça* de promover a igualdade de todos perante a lei são alguns dos valores que a burguesia promoveu no comércio. E, para McCloskey (2016a), o principal instrumento para a promoção de tais virtudes foi o Discurso, a mudança para uma Retórica liberal. O resultado disso é a consolidação do Liberalismo (Clássico) na sociedade inglesa, posteriormente se espalhando pela Europa. Inicia-se, assim, o período do Grande Enriquecimento.

Ilustração 1: A Reavaliação Burguesa de D. N. McCloskey



Fonte: McCloskey (2016a).

Nota: Elaborado pelo autor.

### 3 OS LIBERAIS DA ERA BURGUESA

Em uma revisão de um livro mais cedo neste ano de 2018, a revista *The Economist* fez a seguinte chamada: “Liberalism is the most successful idea of the past 400 years”<sup>9</sup>. O pensamento liberal é antigo. Há um longo contexto de definições e derivações na história, em diversos países e as escolas que nestes se criaram. Não cabe a nós resgatar cada um. O nosso objetivo é verificar as eventuais épocas e pensadores que nos auxiliam a compreender o pensamento mccloskeyano e o discurso da Era Burguesa – como eles influenciam o trabalho da americana e como ela os complementa.

Para tal, como brevemente exposto, acredita-se que McCloskey resgatou fundamentos do protoliberalismo<sup>10</sup> e ideias de economistas e pensadores clássicos como Locke, Smith e Mill. Arelado a esse resgate temos uma influência neoclássica, fruto da sua participação como professora na Escola de Chicago e, ainda, uma discussão com a Escola Austríaca de Economia. O que McCloskey pretendeu também transmitir em sua Trilogia Burguesa – além de alertar os equívocos da teoria convencional - é uma resolução (ou alternativa) de problemas socioeconômicos através de uma via essencialmente liberal. McCloskey (2006, 2010 e 2016a) demonstra como as tomadas de decisões liberais foram as mais benéficas para as sociedades, especialmente para os pobres.

#### 3.1 A Filosofia Política dos Clássicos: John Locke, Adam Smith e John Stuart Mill

O Liberalismo<sup>11</sup> não tem uma data exata de início, afinal é muito mais uma corrente de ideias a que um ativismo político. A história nos mostra revoluções burguesas, não costumamos

---

<sup>9</sup> Ver Liberalism is the most successful idea of the past 400 years. **The Economist**, Londres, Janeiro. 2018. Disponível em: < <https://www.economist.com/books-and-arts/2018/01/27/liberalism-is-the-most-successful-idea-of-the-past-400-years> >. Acesso em: 03 março. 2018.

<sup>10</sup> Merquior (2014) atribui as ideias de John Locke como protoliberais, ou liberais nascentes.

<sup>11</sup> É de costume a dúvida perante as noções de Liberalismo e Libertarianismo - quanto a diferença entre os dois. Nesse trabalho iremos usar a distinção usual: O primeiro termo é comumente utilizado na Europa, retomando a ideia do Liberalismo Clássico de Locke e Mill. O segundo termo, de maneira geral, também remete o descrito anterior, porém é chamado de “*Libertarianism*” nos Estados Unidos; o termo “*Liberal*” geralmente é destinado ao Partido Democrata americano por apoiar causas como legalização do aborto e legalização de drogas (as vezes pode-se encontrar comentários como “*American Liberalism*”, garantindo uma ideia mais patriota do movimento). McCloskey (2017, p.1) confirma nossa análise, “Outside the United States libertarianism is still called plain “liberalism”(…) that’s the L-word I’ll use here. The economist Daniel Klein calls it “Liberalism 1.0”(…) In desperate summary for you Americans, Liberalism 1.0 is Democratic in social policy and Republican in economy

ler algo como “A Revolução Liberal”. Todavia, temos um ponto de partida: A Revolução Gloriosa de 1688.

Segundo Merquior (2014), a Revolução Gloriosa que retirou Rei Jaime II da coroa inglesa, garantindo maior poder ao parlamento inglês, deu início aos ideais liberais. No contexto da revolução, tínhamos os defensores do absolutismo – fundamentados pela obra de Sir Robert Filmer, *Patriarcha* -, os chamados *tories*; a oposição, os chamados *whigs*, se comprometendo com a defesa do pluralismo religioso e de um governo constitucional, que por ventura, se tornaram pilares do protoliberalismo. John Locke se tornou um patrono do movimento opositor e das ideias liberais.

A importância de Locke para a corrente do Liberalismo, mesmo que nascente, se encontra na sua obra “Dois Tratados do Governo Civil”. Todo cenário de liberdade, dignidade e segurança que McCloskey tanto cita foi percebido por John Locke em sua clássica obra. O que Locke (2015) indica é uma nova ilha britânica, livre e segura. Perceba que é um dos pontos cruciais da Era Burguesa McCloskeyana. A obra de Locke é política. Não é necessariamente uma defesa ampla da liberdade – por exemplo, não se discute em seu livro questões como livre mercado. Reconhecemos, todavia, que McCloskey garante que a Revolução Industrial aconteceu na ilha inglesa justamente pela existência do cenário que Locke, já no século XVII, observava. Fazendo referência ao cenário da Inglaterra na época em que escreveu sua obra,

A escravatura é uma condição do homem tão vil e miserável, e tão diretamente oposta ao temperamento generoso e à coragem da nossa nação, que dificilmente se concebe que um inglês, e muito menos um gentil homem, possa advoga-la. (LOCKE, 2015, p.95).

A principal ideia de Locke, ao combater o ideal absolutista, é a defesa da liberdade natural. Para ele, o homem não nasce bom ou mal, apenas livre. No primeiro tratado, Locke (2015) se dedica a enfrentar o Absolutismo Monárquico da obra de Sir Robert Filmer. Locke, de acordo com Merquior (2014), retira o caráter paternal da sociedade inglesa e garante que a liberdade é um estado natural do indivíduo, de maneira que o homem e a mulher nascem livres. Locke, apesar de negar o absolutismo de Hobbes, argumenta a favor do contratualismo. O indivíduo busca a formação de uma comunidade política para assegurar a sua propriedade privada,

---

policy and non-interventionist in foreign policy.” Também discutiremos a noção de “*NeoLiberalism*”. Na monografia presente, o termo será exclusivamente destinado aos economistas da Escola de Chicago de Economia.

havendo uma afirmação de um contrato social entre as pessoas. Na obra de Locke (2015), percebe-se que a vida e a propriedade andam juntas; a figura do rei - juntamente de um parlamento para fiscalizá-lo -, é assegurada para defender as liberdades individuais. No estado de natureza, por outro lado, há uma tendência à barbárie, perda da propriedade privada e da própria liberdade.

O absolutismo se encontraria entre os dois polos. De uma maneira geral, os absolutistas tentam impor um estado de guerra dentro de uma comunidade política, restringindo a liberdade e a propriedade de indivíduos quando aquele achar necessário ou conveniente. A sociedade civil, assim, garante a igualdade perante uma lei que inibe o regime absolutista – este ligado ao patriarcado. Locke (2015, p. 291) reflete a importância, assim, da sociedade civil,

Daqui se vê que a monarquia absoluta, que alguns homens consideram como o único governo no mundo, é na realidade, incompatível com a sociedade civil, e, portanto, não pode ser considerada sequer como uma forma de governo civil. Pois o fim da sociedade civil consiste em evitar e remediar as inconveniências do estado de natureza que necessariamente decorrem do fato de cada homem ser juiz em causa própria.

Além disso, percebendo a importância da discussão, da liberdade e da individualidade, temos também que

(...) a razão está claramente do nosso lado quando dizemos que os homens são livres por natureza e que os exemplos históricos mostram que os governos do mundo, quando se iniciaram em tempos de paz foram edificados sobre essas bases [liberdade e igualdade do estado de natureza] e foram instituídos pelo consentimento do povo. (LOCKE, 2015, p.302).

O pensador inglês argumenta, dessa maneira, por uma sociedade mais livre. O patriarcado atrelado ao absolutismo monárquico perde espaço para uma comunidade civil unida por um contrato social, garantindo a igualdade e a propriedade.

A definição de Merquior (2014) ao pensamento de Locke – denominado protoliberalismo – vai de encontro, *a priori*, com o nosso trabalho. O inglês não discute qualquer tipo de política econômica ou até mesmo uma ideia de livre mercado. Locke está preocupado na formação de uma nova sociedade inglesa cuja tolerância de ideias é o ponto chave para tal. Merquior (2014, p. 97) resume bem o fundamento lockeano,

Os Dois Tratados desenvolveram, ao mesmo tempo, uma teoria do consenso e uma teoria da confiança. A teoria do consenso respondia pela legitimidade do governo (e comparava o absolutismo à guerra social). A teoria da confiança mostrava como os governantes e súditos deviam compreender o seu relacionamento recíproco. Nenhuma das duas teorias jamais foi abandonada pelas tradições liberais subsequentes, apesar de sua diversidade (...) a filosofia política de Locke foi a primeira altamente influente que objetivou o estabelecimento das condições de liberdade<sup>12</sup>.

Essas duas teorias descritas, indiretamente se assemelham no cenário inglês que tanto Locke quanto McCloskey descrevem. Para a americana, o fato do governo do Reino Unido – legítimo e fiscalizado – garantindo às pessoas comuns de inovarem foi fundamental para que o Acordo Burguês se concretizasse no século XVIII. Em suma, Locke demonstra primórdios de um pensamento que, para a Trilogia Burguesa de McCloskey, nos tornou melhores e mais ricos indivíduos. McCloskey (2016a, p.227) confirma o que Locke observou: um cenário em que as armaduras, as espadas, as guerras e a violência da aristocracia perdiam espaço para o poder das palavras e da persuasão da classe burguesa através de uma retórica liberal.

Uma vez a Revolução Gloriosa de 1688 garantindo o início dos questionamentos liberais através de John Locke. O século XVIII apresenta um novo episódio que influenciou o progresso do liberalismo, retirando o caráter “proto” lockeano e fomentando a formação do que conhecemos como Liberalismo Clássico: o Iluminismo. Para Merquior (2014), o movimento iluminista teve como objetivo substituir a religião e a ordem pela razão e a ciência. Como já postulado, o século XVIII marca o Reino Unido como uma época de transformação social em que a aristocracia perde espaço para a classe burguesa. A burguesia se tornou uma elite intelectual assim como inovadora, atrelado à oportunidade de mobilidade social.

---

<sup>12</sup> Merquior (2014) realiza um esforço de pesquisa para diferenciar o *Freedom* do *Liberty*. Na língua vernácula, traduziu-se para Liberdade e Autonomia, respectivamente. A primeira refere-se ao estado de ausência de constrangimento; a segunda faz menção a ação estrita para contornar ou remover esse constrangimento. Dessa maneira, um estado de liberdade necessita da autonomia do indivíduo para atingir tal. Temos também uma relação entre liberdades positiva (desejo de autonomia) e negativa (independência de interferência), sendo a segunda mais relevante para o nosso trabalho, especialmente na análise de Mill. Menciona-se essa dicotomia para eventualmente ser usada no decorrer do trabalho. Em relação aos trabalhos de McCloskey (2006, 2010, 2014, 2016, 2017), quando nos referimos a liberdade e dignidade da burguesia, estamos mencionando tanto a autonomia das pessoas comuns de inovarem quanto ao estado de liberdade que elas detêm: o século XVIII e XIX foram marcados por um retórica que não restringia o indivíduo de ser e de criar. Merquior (2014, p. 47-8) define autonomia e a sua materialização na liberdade: “Autonomia é, portanto, estar livre de *coerção* [grifo do autor]: implica que os outros não impeçam o curso de ação que escolhemos. (...) A primeira materialização de autonomia é a liberdade de opressão como interferência arbitrária. Consiste na fruição livre de direitos estabelecidos e está associada a um sentimento de dignidade. (...) O segundo tipo de autonomia, a liberdade de participar na administração dos negócios da comunidade em qualquer nível (...) A terceira é a *liberdade de consciência e crença* [grifo do autor] (...) A quarta e última liberdade é a materialização da aspiração de que temos de viver como nos apraz. (...) Essas pessoas também se sentem livres porque dirigem sua vida mediante opção pessoal de trabalho e lazer.”

Para interesse de nosso trabalho, o Iluminismo Escocês – liderado por Hume e Smith –, segundo Merquior (2014, p.87), uniu a teoria dos direitos de Locke com a ideia de progresso, gerando uma nova ótica para o mundo moderno nascente: “Seu significado consistia no progresso mediante o comércio que prosperava na liberdade – na liberdade civil, individual, *moderna* [grifo do autor]”. Em outras palavras, a filosofia política do Liberalismo passa a questionar o aspecto econômico dos povos, alertando a necessidade de o comércio também ser livre<sup>13</sup>. Dessa forma, há a união do indivíduo com o mercado através da autonomia de ambos.

Diante de tal cenário, podemos elencar como os pensamentos clássicos de Smith<sup>14</sup> e Mill corroboram com o pensamento liberal de McCloskey. “A Riqueza das Nações” (2017) é considerada um marco na Ciência Econômica e para McCloskey (2016) era um momento em que a Reavaliação Burguesa, ou seja, o Liberalismo ao lado do Acordo Burguês já havia sido instaurado com sucesso no Reino Unido.

A obra de Smith é um reflexo do Iluminismo Escocês. Há uma defesa do progresso através da liberdade comercial, do aumento de produtividade e do auto interesse – mas também da justiça. McCloskey (2016a, p. 177) nota como os trabalhos de Smith – A Riqueza das Nações e A Teoria dos Sentimentos Morais – estão a favor de uma ética burguesa, “Prudence and justice, policy and indignation, together, fuel Smith’s attack on laws prohibiting farmers from selling to remote middlemen in the grain trade.” Acreditamos que, nesse caso, Smith é como um guia para A Era Burguesa, uma vez que demonstra um cenário – econômico e social, complementando a obra de Locke - que ela postula como fundamental para o enriquecimento do mundo moderno. McCloskey (2018a) enxerga o economista político como um igualitário – no sentido escocês –, fazendo menção a igualdade social, livre iniciativa e a igualdade na administração da justiça. Em suma, para ela, Adam Smith declarava-se a favor do liberalismo através da crítica da interferência do Estado no *ordinary business of life*.

Quando discutimos os clássicos liberais, se torna comum as comparações entre eles, até porque defendiam coisas semelhantes. Todavia, o clássico trabalho de John Stuart Mill “*On*

---

<sup>13</sup> Um contraponto ao movimento mercantilista que concentrava a influência comercial nas mãos de alguns comerciantes aliados aos interesses aristocráticos. O comércio e os preços eram regulados, as pessoas tinham restrição na sua autonomia de escolher sua cesta de consumo preferível.

<sup>14</sup> Em janeiro de 2018, no Chile, a norte americana faz um apelo ao postular que Smith não pode ser considerado um conservador da direita ou da esquerda. Para McCloskey (2018c, p.1), “I want to claim him [Smith] for liberalism, which is neither left or right so far as the exercise of state power is concerned. True liberals are not conservatives. (...) I think we can agree that Smith was steadily suspicious of state power and its corruptions by importuning interests.” Ver MCCLOSKEY, D. N. Sem título. **Outline of a talk to the conference of the International Adam Smith Society**. 2018c.

*Liberty*” (1859) é uma defesa intensa à liberdade de ideias, tolerância e livre mercado. A obra de Smith aborda tais temas de maneira indireta, mas temos a impressão que Mill escreve um Manifesto Liberal cujas ideias A Era Burguesa McCloskeyana abraça com fervor.

A defesa da individualidade e da liberdade de pensamento norteiam a leitura de Mill. Ao redor de críticas duras às religiões e dos costumes seguidos às cegas, é necessário o diálogo, o olhar nos dois lados. Para Mill (1859), a melhor maneira de defender algo é estudando o lado em que você não concorda: é o caminho do entendimento da sua defesa. É interessante observar a construção de *On Liberty* (1859) de Mill, percebe-se que a individualidade e seu comportamento perante as normas da sociedade devem ser esclarecidas a partir do diálogo de diversas visões, constando as melhores opções de progresso e desenvolvimento.

Sobre a importância da individualidade como fator essencial para o progresso e desenvolvimento da sociedade:

What has made the European family of nations an improving, instead of a stationary portion of mankind? (...) their remarkable diversity of character and culture. Individuals, classes, nations, have been extremely unlike one another: they have struck out a great variety of paths, each leading to something valuable. (MILL, 1859, p. 75)

Comparando com os ideais de McCloskey na sua Trilogia Burguesa, o que podemos observar é que Mill entende que a classe média inglesa é diversificada – em termos de ideias – e muito tolerante, fazendo menção à liberdade de expressão e individualidade de cada um. O chamado *Bourgeois Deal*, que transformou a burguesia em uma elite de pensamento e inovação, mostramos o ponto de Mill. Difícil compreender se o pensador observou o que McCloskey (2006, 2010 e 2016a) postulou, afinal ele estava vivendo a Reavaliação Burguesa. Todavia, interligando os dois autores, convence-nos que os pilares do bem-estar de Mill (1859) fomentaram, *prima facie*, inovação e educação da sociedade inglesa através de uma burguesia mccloskeyana de retórica liberal. A classe burguesa observada por ambos não se importava com questões étnicas, raciais e/ou religiosas, mas simplesmente com os valores que as pessoas comuns poderiam trazer ao um determinado negócio.

Mill também faz uma clara defesa ao livre mercado. O autor observa que a livre comercialização de bens e serviços garante melhores preços e qualidades, julgando qualquer restrição como um mal a ser repudiado,



But it is now recognized, though not till after a long struggle, that both the cheapness and the good quality of commodities are most effectually provided for by leaving the producers and sellers perfectly free, under the sole check of equal freedom to the buyers for supplying themselves elsewhere. (MILL, 1859, p.100).

O economista político também argumenta contra a interferência do governo no dia a dia das relações do mercado. “Speaking generally, there is no one so fit to conduct any business, or to determine how or by whom it shall be conducted, as those who are personally interested in” (Mill, 1859, p.115). O autor afirma que a forma como o Estado aumenta seu poder desnecessariamente é um afronto à individualidade e à liberdade de expressão. É um mal.

A government cannot have too much of the kind of activity which does not impede, but aids and stimulates, individual exertion and development. (...) The worth of a State, in the long run, is the worth of the individuals composing it; and a State which postpones the interests of their mental expansion and elevation, to a little more of administrative skill or that semblance of it which practice gives, in the details of business; a State, which dwarfs its men, in order that they may be more docile instruments in its hands even for beneficial purposes, will find that with small men no great thing can really be accomplished. (MILL, 1859, p. 121)

O que chama atenção, na verdade, comparando com a Era Burguesa de McCloskey, é como a economista e Mill descrevem o Reino Unido de maneira semelhante durante os séculos XVIII e XIX. Mill observa a competência momentânea das pessoas comuns, uma vez com suas individualidades e liberdade de expressão garantidos, no desenvolvimento da sociedade; McCloskey (2006, 2010 e 2016a), quase dois séculos depois, garante que justamente tal comportamento foi o combustível principal do cenário otimista que a pensadora cria neste início de século XXI. O cenário de conflito de ideias, inovação e, principalmente, liberdade defendido – e brevemente descrito - por Mill é a base da reavaliação do mundo moderno de McCloskey.

Pelas palavras de Merquior (2014, p.125), John Stuart Mill foi um “Santo Libertário”. “On Liberty” (1859) foi interpretado como um manifesto do individualismo. Entendeu que a interferência do Estado comprometia o comportamento do indivíduo. A liberdade – e autonomia - é o principal instrumento de autodesenvolvimento, de ser crítico, livre de preconceitos e dogmas (religiões). A epistemologia do conservadorismo foi condenada por Mill justamente por ir caminho contrário do acima exposto – o que McCloskey também critica. Merquior (2015, p.130) resume o trabalho de Mill na defesa da Liberdade,

Harmonizando o liberalismo do *Princípios* [de Economia Política, outra obra de Mill] com o indutivismo da *Lógica* [grifo do autor], *On Liberty* [grifo do autor] tornou-se logo uma Bíblia libertária. Mill entrelaçara vários ramos do pensamento liberal. Liberdade política, autonomia negativa, autodesenvolvimento, liberdade como intitlamento, liberdade de opinião, liberdade como auto governo, liberdade como privacidade e independência. (...) e o mesmo aconteceria com a abordagem iluminística da liberdade como o instrumento de progresso.

Diante de tal situação, é inegável as influências clássicas nos trabalhos de McCloskey. Enquanto Locke e Smith demonstram os fundamentos do pensamento liberal, o primeiro advogando em relação ao “direito natural” da liberdade e da propriedade; o segundo, atrelado a ideia de progresso do Iluminismo Escocês, uniu fundamentos lockeanos e criou uma teoria de economia política em prol da liberdade, não só individual, mas também no conjunto do mercado. Mill, por outro lado, apresenta um lado mais ativista, sua obra representa um verdadeiro manifesto. A verdade é que os três pensadores, uma vez unidos, representam os pilares do Liberalismo Clássico: a liberdade individual, a livre iniciativa e a igualdade social perante a justiça. O que a Era Burguesa de McCloskey acaba demonstrando, *a priori*, é como tais variáveis funcionaram como gatilhos para o Grande Enriquecimento do mundo moderno.

### 3.2 Capitalismo, Liberdade e Chicago: O Caso de Milton Friedman

Os trabalhos de McCloskey, das suas contribuições para a história econômica da Grã-Bretanha, passando pelos questionamentos do método através da Retórica e atualmente na construção – ou reafirmação – de um novo liberalismo pela ética, ainda geram questionamentos à escola de pensamento em que ela pertence. Considerando a nossa investigação a frente do discurso da Era Burguesa e suas influências, a norte americana apresenta uma herança da Escola de Chicago, e por isso, muito das ideias de Friedman podem ser encontrados no discurso da autora.

Para tal, é indispensável analisar a formação das ideias de Friedman e da Escola de Chicago. Horn e Mirowski (2006) contribuíram para esclarecer a criação da *Chicago School of Economics*. Através de diversas conversas entre F. A. Hayek – muito devido a publicação da sua clássica obra “O Caminho da Servidão” (1944) -, Henry Simons e Aaron Director, a Escola iniciou seu trabalho na academia e no mundo em 1946. Atrelada ao fato, observa-se a ascensão do chamado “NeoLiberalismo”. Como descrito por Horn e Mirowski (2006, p. 36), “*Capitalism*

*and Freedom* [grifo dos autores], a corporate neoliberal version of *Road to Serfdom* [grifo dos autores]”.

A verdade é que desde a publicação de Hayek, economistas americanos – Director, Simon – propuseram publicar uma versão americanizada da obra do austríaco, um projeto nomeado “*American Road to Serfdom*”. Entretanto, já em 1952, a obra nunca foi de fato finalizada. Dessa forma, o possível “Caminho da Servidão Americana” cedeu espaço para a tardia publicação de “Capitalismo e Liberdade” (1962). O livro de Friedman acabou se tornando a frente de pensamento neoliberal da Escola de Chicago. Elencaremos, dessa forma, os principais postulados desta e como acaba se diferenciando do Liberalismo Clássico. Uma vez compreendida a diferença, nos ataremos especificamente aos pontos do “Capitalismo e Liberdade” que se relacionam com a Era Burguesa mcloskeyana. Em primeiro lugar, em termos de políticas econômicas, Friedman e McCloskey estão bem alinhados. O posicionamento da autora se distancia do monetarista<sup>15</sup> em termos éticos e metodológicos, sendo estas variáveis fundamentais em seu mais recente trabalho.

O ponto de partida do pensamento neoliberal é aplicar os fundamentos do liberalismo clássico na conjuntura vigente – na época, a Guerra Fria. Segundo Horn e Mirowski (2006), o programa de Chicago se preocupa em *construir* as condições de sucesso, ao invés de esperar que estas apareçam de maneira *natural*, como postulavam os clássicos. Ainda em Horn e Mirowski (2006, p.29), “Neoliberalism is a theory of how to re-engineer the state in order to guarantee the success of the market and its important participants, modern corporations.” Em outras palavras, os membros da Escola tinham uma preocupação maior com a eficiência do sistema. Assumiam uma necessidade de reestruturar o Estado para que este delimitasse as regras do jogo, garantisse a competitividade e a livre iniciativa.

O pensamento neoliberal defendia – e defende – a capacidade do Mercado em processar informações de maneira melhor que o Estado, por isso a defesa da restrição deste nas decisões do cotidiano. Um ponto de divergência do pensamento liberal clássico é em relações a corporações. Os neoliberais entendem que seria mais eficaz que setores como educação, segurança e saúde fossem privatizados; enquanto os clássicos admitiam que tais áreas deveriam ser reguladas pelo Estado. Um ponto interessante da Escola de Chicago é que ela analisa as

---

<sup>15</sup> Título garantido pela sua contribuição no campo da Macroeconomia. O Monetarismo foi uma resposta a até então corrente dominante keynesiana. As ideias de Friedman garantiram-lhe um Nobel em 1976. Ao lado de Keynes, são considerados os dois economistas mais expressivos do século XX. Sobre os principais fundamentos da corrente monetarista, ver Friedman (1968).

políticas *as if*<sup>16</sup> - como se fossem – todas partes do processo do Mercado. Dessa maneira, os economistas foram capazes de formalizar tais políticas através dos fundamentos neoclássicos<sup>17</sup>.

Outro ponto fundamental para a compreensão tanto da Escola de Chicago como o pensamento de Friedman é capacidade do Mercado de sempre promover soluções de problemas que foram causadas por ele próprio. Um exemplo é o monopólio que pode ser vencido através de mais competição, adicionando novas firmas a uma determinada indústria.

Diante de tais fatores, agora somos capazes de investigar mais afundo o trabalho de 1962 de Milton Friedman: “Capitalismo e Liberdade”. Como brevemente elencado, a obra se tornou a referência da Escola de Chicago, sendo a versão neoliberal do livro de Hayek, “Caminho da Servidão”. A pesquisa na História do Pensamento Econômico nos permite diversas inquietações. Na obra de Friedman, o autor não descreve o que é ser “neo”liberal<sup>18</sup>; na sua escrita encontra-se palavras como, liberal, liberalismo, livre mercado, mercado livre, livre iniciativa, entre outras. Na introdução de seu livro, o monetarista indica que houve, nas primeiras décadas do século XX, uma mudança de significado para a palavra “liberalismo” nos Estados Unidos. Assim, o termo liberal se aproximou de ideias mais progressistas, com maior intervenção do Estado no ambiente econômico, porém mantendo a defesa de igualdade de oportunidade assim como liberdade individual (bandeiras levantadas principalmente pelo Partido Democrata americano). Consequência disso, o conservadorismo da direita também modificou o termo em seu interesse.

Dessa maneira, para evitar confusões, Friedman ([1962] 2002) argumentou que usaria o termo em seu sentido clássico. Talvez o que também explique a adição do prefixo “neo” é justamente para assegurar os fundamentos essenciais do liberalismo clássico por completo, ou seja, liberdade individual, igualdade de oportunidades e livre mercado sem as amarras de interesses de classes específicas ou políticas. O autor americano, juntamente da Escola de Chicago, entendia que deveria haver mudanças para que o programa (neo)liberal sobrevivesse

---

<sup>16</sup> Sobre o “*as if*” ver Friedman (1953). Horn e Mirowski (2006) destacam como *as if* da Escola de Chicago se relaciona com o da Escola de Economia Neoclássica.

<sup>17</sup> Dequech (2007, p. 280) define a Escola Neoclássica em três postulados: “What is called neoclassical economics is characterized by the combination of the following features: 1. The emphasis on rationality and the use of utility maximization as the criterion of rationality; 2. The emphasis on equilibrium or equilibria and 3. The neglect of Strong kinds of uncertainty and particularly of fundamental uncertainty.” Ver DEQUECH, D. Neoclassical, mainstream, orthodox, and heterodox economics. **Journal of Post Keynesian Economics**, v. 30, p. 279-302, 2007.

<sup>18</sup> Na terceira e traduzida versão da obra. Comemoração dos 40 anos da publicação original. A verdade é que o prefixo “neo” representa qualquer um corpo teórico já postulado aplicado a uma nova realidade vigente. Podemos talvez elencar que, após os clássicos, todos os economistas que advogaram em prol da liberdade são neoliberais, já que são influenciados por outros períodos.

ao século XX. Porém, também acredita ser fundamental que os valores do pensamento clássico sejam aplicados integralmente na sociedade, ideais que progressistas e conservadores, a luz de seus respectivos interesses, acabaram deturpando. Em Friedman (1951, p.3) temos um bom resumo,

It [neoliberalismo] must give high place to a severe limitation on the power of the state to interfere in the detailed activities of individuals; at the same time, it must explicitly recognize that there are important positive functions that must be performed by the state. The doctrine sometimes called neo-liberalism which has been developing more or less simultaneously in many parts of the world and which in America is associated particularly with the name of Henry Simons is such a faith. (...) Neo-liberalism would accept the nineteenth century liberal emphasis on the fundamental importance of the individual, but it would substitute for the nineteenth century goal of laissez-faire as a means to this end, the goal of the competitive order. (...) The State would police the system, establish competition and prevent monopoly, provide monetary framework, and relieve acute misery and distress.

Posto isso, encaremos como neoliberal o pensamento de Friedman, mas sem maiores preocupações com o prefixo. Nosso objetivo é, afinal, comparar com os ideais de McCloskey e o que ela, eventualmente, avança em sua Trilogia Burguesa. Encaremos os postulados. Friedman (2002) argumenta que há uma relação entre *liberdade econômica* com *liberdade política*<sup>19</sup>. A *liberdade econômica* inibe a ascensão de um planejamento centralizador, como foi visto na Alemanha Nazista e na União Soviética, garantindo o andamento da *liberdade política*. Entendemos que não é uma regra geral. No entanto, a inquietação inicial é como conciliar a organização social, de milhares pessoas, com a liberdade individual? Em uma perspectiva de mercado, Friedman (2002) postula que é através da cooperação voluntária dos indivíduos, sendo a transação entre duas partes bem esclarecidas. Esse é o cenário que foge de um *central planning* totalitário. As pessoas são livres para escolher o que comprar, sentir e pensar. O Estado tem a sua participação em determinar as regras do jogo e fiscalizar que estas sejam cumpridas. Reitera-se que para Friedman (2002), o mercado é capaz de processar melhor as informações no dia a dia cujo aumento da liberdade reduz a necessidade de se decidir questões por meios políticos.

---

<sup>19</sup> No prefácio de 2002, Friedman (p. xi) argumenta que se estivesse escrevendo o livro nesse período, teria saído da dicotomia entre liberdades política e econômica e teria adicionado liberdade civil na trama. Ele entendeu que a relação, apesar de mais complexa, se torna mais abrangente. “Ao longo dessas linhas, o maior defeito desse livro parece ser o tratamento inadequado do papel da liberdade política, que, em algumas circunstâncias, promove as liberdades econômica e social, e, em outras, as inibe.”

Friedman (2002, p.17) define liberdade política como ausência de coerção das pessoas entre si:

A ameaça fundamental à liberdade é o poder de coagir, nas mãos de um monarca, de um ditador, de uma oligarquia ou de qualquer maioria efêmera. A preservação da liberdade exige a eliminação dessa concentração de poder na maior extensão possível e a dispersão e distribuição de qualquer poder remanescente (...).

Em outras palavras, em uma sociedade capitalista, de livre mercado, os indivíduos garantem mais facilmente suas respectivas liberdades políticas. O mercado é impessoal, não importa que tipo de pessoa está vendendo ou comprando, as opiniões políticas ficam em segundo plano e resguardam as pessoas de serem discriminadas no exercício de suas atividades econômicas.

Esse é o primeiro ponto em que vai de acordo com a Era Burguesa de McCloskey. A autora exaustivamente declara que a razão pela qual o início do mundo moderno se deu na Holanda e no Reino Unido foi pelo cenário livre que as pessoas estavam incluídas. Havia tolerância de ideias e oportunidade de inovação de formar que as pessoas comuns se tornaram dignas de inovarem. O aspecto impessoal do mercado prevaleceu nos séculos XVIII e XIX através da retórica liberal.

Outro aspecto elencado é o papel do governo em uma sociedade livre. Como já escrito, o governo tem uma função de delimitador de regras do jogo, garantindo competição e a livre iniciativa. Friedman acreditava que quanto menos discussões no âmbito político houvessem, mais o mercado processaria as informações e as liberdades individuais seriam garantidas. Em resumo, Friedman (2002, p. 29) declarou que “Essas são, portanto, as funções básicas do governo na sociedade livre: fornecer os meios para modificar as regras, mediar as diferenças entre as pessoas sobre o significado das regras e garantir a observância das regras pelos poucos, do contrário, não participariam do jogo.”

De maneira lógica, McCloskey (2010) não nega a importância do Estado. Para ela, a diferença fundamental dos acontecimentos entre os séculos XVIII e XIX terem ocorrido no Reino Unido e não, por exemplo na França, foi o fato de o primeiro apresentar um governo menos centralizador e tolerante com a liberdade de inovar e agir. Mais especificamente, tanto Friedman (2002, p.37) como McCloskey (2016a) condenam monopólios protegidos pelo Estado e “programas de apoio a preços de paridade para a agricultura nos Estados Unidos”. Durante a leitura da Era Burguesa, é comum McCloskey sugerir, para os países latino

americanos, que aproveitem de suas vantagens comparativas exportando produtos primários para os países centros. Entretanto, para que essa medida seja eficaz, os Estados Unidos, por exemplo, deveriam parar de proteger seus agricultores comercialmente. Assim, é seguro dizer que em termos de políticas econômicas, os dois economistas estão com seus pensamentos bem alinhados. Qualquer forma de regulamentação - seja pelo Estado ou por sindicatos – políticas de salários mínimos, tetos e pisos são medidas que retraem o funcionamento do mercado e o enriquecimento das pessoas comuns.

Um terceiro e último ponto de convergência entre os dois economistas é em relação a distribuição de renda e a pobreza. Ambos entendem que o verdadeiro problema é de fato a miséria dos povos, não necessariamente o quão desigual uma sociedade é em termos de renda e riqueza. Friedman (2002) retrata que entre os séculos XVIII e XX as pessoas tiveram acesso a diversos tipos de bens e produtos. Os avanços na medicina, da tecnologia, água corrente, automóveis, televisão, rádio, entre outros estavam cada vez mais comuns nos lares e vidas dos indivíduos.

Além disso, Friedman (2002) defende que justamente por um modelo capitalista mais liberal, econômico e político, temos a presença de uma desigualdade de renda e riqueza de curto prazo, considerando a grande mobilidade social que o sistema garante. Para ele, sociedades “anticapitalistas” detêm de uma desigualdade de renda e riqueza de longo prazo, por terem estruturas sociais muito rígidas. O economista vai mais além questionando o modelo de imposto progressivo sobre a renda, sugerindo um imposto de alíquota única e reduzindo impostos para a pessoa jurídica. Friedman (2002, p.176) ainda postula, “Esse [o imposto de renda progressivo] me parece um caso claro de usar a coerção para tirar de alguns e dar para outros, o que conflita em cheio com a liberdade individual.”.

A desigualdade de renda e riqueza é combatida, como postulado tanto por Friedman (2002) quanto por McCloskey (2016a) através da educação, do aumento de produtividade através da quebra de monopólios e aumento da competitividade – a riqueza se espalha, mesmo que desigualmente. A pobreza e a miséria se tornam o principal problema a ser atacado. Para tal, McCloskey (2016a), além de toda a história do Grande Enriquecimento, que as pessoas em geral estão enriquecendo, entende a necessidade de acelerar o processo daqueles que não tem o *necessary consumption*. Assim, como já elencado, sugere impostos que recaiam diretamente nos interesses das classes menos privilegiadas - o chamado *tax-financed education* no objetivo de garantir educação de qualidade aos mais pobres, reduzindo a desigualdade de informação, de renda e riqueza no longo prazo. Para ela, há também a perspectiva ética,

In ethical truth we wish to raise up the poor to “enough” for them to function in a democratic society and to have full human lives. It doesn’t matter ethically whether they have the poor have the same number of diamond bracelets and Porsche automobiles as do owners of hedge funds. It does, however, matter ethically whether they have the same opportunities to vote or to learn to read or to have a roof over their heads. (MCCLOSKEY, 2016, p. 46).

E, para que esse objetivo ético seja atingido, Friedman (1951, p.4) sugere políticas de renda mínima – não salários - para que os pobres possam consumir bens e serviços da iniciativa privada para melhorarem suas condições,

There is justification for subsidizing people because they are poor, whether they are farmers or city-dwellers, young or old. (...) There is justification in trying to achieve a minimum income for all; there is no justification for setting a minimum wage and thereby increasing the number of people without income.

Como podemos perceber, as ideias de ambos economistas se convergem. McCloskey apresenta uma influência significativa da Escola de Chicago. Então, o que a faz a sua Trilogia Burguesa – seu mais recente esforço de trabalho - se afastar da corrente *chicagoan*? Por que o argumento da Escola de Chicago é insuficiente para compreendermos o discurso da Era Burguesa e a Retórica mccloskeyana? O que a sua Trilogia tem a mais que o “Capitalismo e Liberdade” (2002) de Milton Friedman? Em McCloskey (2006), podemos argumentar que é a *Ética*. Se o livro de Friedman é uma versão neoliberal de “Road to Serfdom”, a obra de McCloskey é uma versão mais humana daquele visto em Chicago: Uma súplica da economista norte americana ao chamado “*Humanomics*”.

McCloskey (2006, p. 7) entende que a criação do mundo moderno não é explicada por Chicago, pelas Instituições ou pelos marxistas,

Or from another version of the right, the libertarian version, any of my fellow Chicago School economists who don’t really claim to know much about philosophy or the Middle Ages – Friedman, Becker, Barro, step forward – would protest, ‘Philosophy? What scientist need that? *Ethics* [grifo da autora]? Bosh. I’m a positive scientist, not a preacher. Capitalism is efficient, which is all I preach. Who needs faith? Put your faith in Prudence Only.’ Mistaken yet again – not that all philosophy is useful.



A autora entende que para se reavaliar a verdadeira transformação, iniciada no século XV, é preciso levar em consideração todas as sete virtudes anteriormente mencionadas: Amor, Fé, Esperança, Temperamento, Justiça, Prudência e Coragem. As virtudes burguesas completam a moral do Mercado.

Diferente dos *chicagoans*, McCloskey acredita que o capitalismo funciona além do mero auto-interesse smithiano e busca pelo equilíbrio do mercado através da eficiência. Há mais a levar em consideração. E justamente por haver mais que temos a ascensão do Acordo Burguês e do Grande Enriquecimento. Atrelado a isso, uma nova retórica – construída a partir das *Sete Virtudes*, não apenas da Prudência -, responsável por eticamente gerar um ganho real de renda per capita médio em um fator de 16 desde os anos 1800, significando que um indivíduo médio na Grã Bretanha tem o poder de consumir, atualmente no século XXI, 16 vezes mais do que seus antepassados.

Essa mesma retórica, como veremos na seção 4 dessa monografia, metodologicamente objetiva livrar a Ciência Econômica do positivismo lógico e, para McCloskey (1983, 1985, 2011 e 2016a), aproxima o campo de algo mais compatível com o comportamento do ser humano. Para compreender mais desse “*Humanomics*” e finalizar as influências de McCloskey na construção do discurso da Era Burguesa, se torna essencial a visita de mais dois pensadores.

### 3.3 Inovação e Descoberta: A Interpretação Austríaca do Mundo Moderno

*Humanomics*. Uma Ciência Econômica mais humana. O retrato de seus trabalhos das décadas de 1980 e 1990 são resgatados na Trilogia Burguesa de McCloskey. A Economia é Retórica, o discurso e o “*sweet talk*” importam. A ética da economia tem sido ignorada mesmo que para McCloskey seja a razão do Grande Enriquecimento. McCloskey (2016b, p.1) sintetiza,

Sweet talk is deeply unpredictable, which connects it to the troubled economics of entrepreneurship, of discovery, and of innovation. The massive innovation leading to the Great Fact of modern economic growth since 1800 is a leading case in point. Economic historians are beginning to find that material causes of the Great Fact do not work, and that changes in rhetoric work, such as the Enlightenment and the Bourgeois Revaluation and above all Adam Smith “liberal plan of liberty and justice.

As ideias não só importam, como são o centro do ponto de McCloskey. E para entender a retórica da Era Burguesa como um todo, é preciso visitar os Austríacos.

Joseph Alois Schumpeter e sua obra “A Teoria do Desenvolvimento Econômico” (1982) trazem um fator fundamental da Trilogia Burguesa: o *entrepreneur* (do francês também utilizado no inglês), ou empreendedor ou empresário (como na tradução da obra). A ideia de Schumpeter (1982) é que o verdadeiro desenvolvimento econômico não é um resultado exógeno que interfere no “fluxo circular” e no equilíbrio walrasiano. Na verdade, é um processo endógeno levado por um classe especial de inovadores que através de novas ideias, produtos e métodos de produção quebram o “fluxo circular”, ou pelo menos ditam uma nova ordem neste.

Das palavras de Schumpeter (1982, p.47),

É uma mudança espontânea [o desenvolvimento econômico] e descontínua nos canais do fluxo, da perturbação do equilíbrio, que altera e desloca para sempre o estado de equilíbrio previamente existente. Nossa teoria do desenvolvimento não é nada mais que um modo de tratar esse fenômeno e os processos a ele inerentes.

A ideia é que o produtor (ou o ofertante da nova ideia, o *entrepreneur*) adiciona um novo bem no mercado, ou uma nova qualidade de um bem já estabelecido, ou um novo serviço ou mesmo um serviço melhorado. E os consumidores se adaptam, porém, não somente aos incrementos pontuais, e sim à cultura de inovação que a classe especial dos empreendedores instaura na sociedade. A medida que novos bens e serviços são criados, as pessoas se acostumam a demandar cada vez mais inovações.

Para Schumpeter (1982), um dos fatos da classe dos *entrepreneur* ser especial é ligado ao fato da sua peculiar força de vontade. Lutar contra as forças de hábito, comodidade e tempo para elaborar novos bens, serviços e métodos são de uma raridade peculiar. Outro fator de desafio para os empresários é a visão da sociedade frente as inovações. As medidas inovadoras, chaves para o desenvolvimento econômico, geram mudanças descontínuas numa ótica de “fluxo circular”. Há uma quebra de *status quo*. Isso pode gerar questionamentos e medo em relação a mudança por parte da sociedade. Dessa forma,

(...) a realização de combinações novas é ainda uma função especial, e o privilégio de um tipo de pessoa que é muito menos numeroso do que todos os que têm a possibilidade “objetiva” de fazê-lo. Portanto, finalmente, os empresários são um tipo

especial, e o seu comportamento um problema especial, a força motriz de um grande número de fenômenos significativos. (SCHUMPETER, 1982, p. 58).

A Era Burguesa, no entanto, demonstra que a sociedade inglesa perdeu seus anseios e medos em relação as mudanças. Pelo contrário, os ingleses passaram a enxergar as inovações como bem-vindas e positivas para o desenvolvimento, já que para McCloskey, a riqueza das novas ideias transbordou para todos, incluindo os mais pobres. Isso tudo através da retórica liberal do Acordo Burguês. As classes sociais abraçaram o estilo de vida da classe burguesa. Esse é o típico cenário que McCloskey (2010 e 2016a) retrata nos anos 1600 na Holanda, em seguida em 1700 na Grã-Bretanha e depois em 1800 no restante do Oeste. Uma cultura de inovação realizada por pessoas comuns que eram dignas e livres.

É possível enxergar a Ética mccloskeyana no trabalho de Schumpeter (1982). O *entrepreneur* tem as virtudes burguesas da coragem de criar, de empreender; a prudência do auto-interesse, da razão; o amor através da solidariedade de garantir ao fluxo novos serviços e bens. Há a alegria de criar. O *burguês mccloskeyano* é o *empresário schumpeteriano*.

If the Bourgeois Deal did not have its crucial second act, in which *you* [grifo da autora], the poor, are made better off, then a system of profit making would have no ethical justification. If profits simply piled up in the hands of the bourgeoisie, no one would praise innovation, whether it was creative accumulation or creative destruction. But in fact, because of entry ate the smell of profit dissipating the rewards to inventing the light bulb or the innovating the auto assembly line, the share of profit in national income is rather small and has not risen over the history of innovation. And the absolute size of the pie to be shared out between the high-hat profit makers and the deserving poor has grown enormously, because creative destruction or creation encouraged by profit and by new bourgeois liberty and dignity. (MCCLOSKEY, 2010, p.78-79).

Diante de tal situação, observamos o papel do *entrepreneur* e da inovação em McCloskey através de Schumpeter (1982). Existe uma relação direta, principalmente pela ação do empresário schumpeteriano garantir externalidades positivas para toda sociedade. Cenário que a Trilogia Burguesa retrata com o Grande Enriquecimento. Agora, em relação ao papel das ideias, amplamente discutido por McCloskey (2010, 2014, 2016 e 2016b), se torna mais claro com a adição da Escola Austríaca Moderna e Israel Kirzner na discussão.

O pensamento moderno da Escola Austríaca, fundamentada pelas contribuições de Hayek e Mises, objetivam um contraponto a competição perfeita da Escola Neoclássica. Segundo Kirzner (1997), a ideia do equilíbrio geral walrasiano atrelado a teoria da firma que

impede a obtenção de lucro – fora de um cenário de monopólio – inibem o principal fator de variação de preços, produto, quantidade e qualidade: o chamado *entrepreneurial discovery* (ou descoberta empreendedora). Para os austríacos modernos, a competição perfeita dos neoclássicos é incompatível com a busca pelo lucro, que através da verdadeira competição – gerando monopólios ou não – é atingida por novas descobertas. A consequência é a redução da ignorância, convergindo para um verdadeiro estado de equilíbrio. Kirzner (1997, p.70), distingue os austríacos dos neoclássicos, “This Austrian emphasis on the entrepreneur is fundamental. Whereas each neoclassical decision maker operates in a world of given price and output data, the Austrian entrepreneur operates to *change* price/output data.”.

Dessa forma, uma diferença fundamental entre as duas escolas é que a *Neoclássica*, através dos seus modelos de equilíbrio, preza pela eficiência e alocação perfeita de recursos. O agente econômico neoclássico é racional e sempre buscar maximizar a sua utilidade. Em contrapartida, a *Escola Austríaca* entende que nem toda decisão é certa ou racional – em termos neoclássicos. Os austríacos enxergam a dinâmica da competição como uma variação entre ignorância e sucesso. As oportunidades de se obter lucro através de erros prévios de empreendedorismo estimula a descoberta empreendedora subsequente. Kirzner (1997, p. 72) ainda complementa, “Austrians are careful to insist (i) that continual change in tastes, resource availabilities and known technological possibilities always prevent this equilibrative process from proceeding anywhere near to completion;”. Então, diferentemente dos neoclássicos, há um fator de ignorância na ótica austríaca que impede que o mercado se equilibre facilmente.

A competição austríaca então,

(...) is not the competitive state achieved in neoclassical equilibrium models, in which all marginal participants are buying or selling identical commodities, at uniform prices. It is, instead, the rivalrous process we encounter in the everyday business world, in which each entrepreneur seeks to outdo his rivals in offering goods to consumers (recognizing that, because those rivals have not been offering the best possible deals to consumers, profits can be made by offering consumers better deals. (KIRZNER, 1997, p.73).

É importante reiterar: o modelo competitivo austríaco não é compatível com a competição perfeita da Escola Neoclássica. E é dessa maneira que introduzimos a Trilogia Burguesa. Até agora, desde a seção 2 desse trabalho, apresentamos a releitura ética e metodológica que McCloskey realiza para as origens do mundo moderno. Postulamos a importância das ideias, da retórica, das virtudes além do *Prudence Only*. McCloskey (2011, p.48) entende que as

explicações tradicionais da origem do mundo moderno estão equivocadas, “(...) a fator of 100 [ou de 16, como mencionado anteriormente], had very little to do with routine, Samuelsonian/Friedmanite/Douglass-Northian adjustment of marginal cost to marginal benefit. That is, mere supply-and-demand efficiency does not explain the modern world.” A Retórica plural defendida pela economista nas décadas de 1980 e 1990 ainda são pertinentes, como será elencado na presente monografia. A Ciência Econômica deve ser abordada com interdisciplinaridade das outras áreas como sociologia, história e filosofia. Isso garante uma união de novas virtudes. Há súplica por uma visão ética da ciência e o *Entrepreneurial Discovery* dos austríacos fomenta esse cenário.

Kirzner (1997, p.75) postula, “One significant implication of the entrepreneurial Discovery approach has been that it appears to cast crucial aspects of the capitalist system in a drastically different ethical light than traditionally emerged from the neoclassical perspective.”. O programa austríaco moderno acredita que as explicações e modelos de equilíbrio neoclássicos não são capazes de explicar a dinâmica do mercado, no caso especial da Era Burguesa a teoria convencional não garante os instrumentos necessários para realmente compreender a razão pela qual as nações entraram em uma grande marcha de desenvolvimento e crescimento econômicos. McCloskey em uma perspectiva histórica e os austríacos numa ótica microeconômica são bem complementares.

Dessa maneira, McCloskey (2011) une a Descoberta Empreendedora com a importância das ideias; especialmente as ideias liberais. As que surgiram durante os séculos XVIII e XIX envolviam criatividade, inovação e descoberta. A americana e os austríacos entendem a importância ética do lucro. Entende-se que as rendas derivadas das novas descobertas se espalham pelas sociedades como um *pay-off* ético em que as pessoas comuns desfrutam das inovações. E como já postulado, essas trocas de ideias não são meramente uma perspectiva samuelsiana/maximizadora de *Prudence Only*. Apesar do auto-interesse, da busca pelo lucro e da racionalidade – extremamente importantes, mas não únicos -, outras virtudes burguesas se destacam. A Coragem de empreender, o Amor para se solidarizar e a Esperança de uma melhor sociedade através das ideias liberais. Há também a Justiça em que há o movimento de igualdade perante a lei. O Grande Enriquecimento, o *Entrepreneurial Discovery* e o Acordo Burguês são frutos de uma ética mais abrangente que somente a prudência neoclássica.

Em suma, o contexto histórico descrito por McCloskey (2006, 2010 e 2016a) é um resultado do Liberalismo Clássico que através da Retórica digna e livre da classe burguesa iniciou o Grande Enriquecimento. As ideias se transformaram pela *descoberta empreendedora*

de Kirzner – e os demais austríacos modernos – através da classe de *entrepreneur* de Schumpeter. O discurso importa, o *humanomics* de McCloskey é fundamento pelas três frentes. Resultado disso:

Once breeding ideas were set free in the seventeenth century they created more and more opportunities for Kirznerian alertness. The opportunities were alertly taken up, and persuasively argued for, and at length routinized. The idea of the steam engine had babies with the idea of rails and the idea of wrought iron, and the result was the railroads. (MCCLOSKEY, 2011, p. 50).

Diante de tal situação, dedicamos esta seção para explorar as influências de McCloskey na construção da sua visão da origem do mundo moderno. A releitura da economista é realizada através de uma retórica essencialmente liberal. Temos as influências clássicas de Smith, Mill e Locke. Além do alinhamento de políticas econômicas com a Escola de Chicago. E por fim, o incremento ético através da relação de McCloskey com os Austríacos<sup>20</sup>. Na seção 4, teremos a oportunidade de investigar o seu método e compreender como a Retórica se torna o princípio chave na reavaliação dos séculos XVIII e XIX e da classe burguesa.

---

<sup>20</sup> Uma discussão futura a cerca de McCloskey frente a sua Escola de Pensamento. Como elencado, suas sugestões de políticas econômicas estão bem alinhadas com as de Friedman (2002). Entretanto, quando entramos no mérito histórico e ético, a norte americana sai completamente da linha de pensamento do programa de Chicago e se aproxima naturalmente da Escola Austríaca. No decorrer das décadas é bem visível esse distanciamento de um e aproximação para outro. McCloskey é uma conversão tardia para a Escola Austríaca. Talvez o Liberalismo de McCloskey tenha um caráter eclético, em que considere as duas escolas pertinentes. Por título de curiosidade, McCloskey (2011, p.1) ainda afirma, “How I wish I had earlier read Mises – the senior colleague of Friedrich Hayek and the teacher Kirzner! It would have sped up my intellectual development by two or three decades, and given me more respect for the entrepreneur-centered thinking of my friendly opponent early in my career as an economic historian, the historian David Landes.”

#### 4 DO MÉTODO À ÉTICA: UMA ABORDAGEM RETÓRICA

Os trabalhos de metodologia de McCloskey se iniciaram nos anos de 1980, quando publicados os famosos artigo e livro, *The Rhetoric of Economics* (1983 e 1985), com uma segunda publicação deste em 1998. O objetivo sempre foi – é – questionar o método de se fazer Ciência, especialmente a Econômica. A economista admite que sua formação samuelsoniana<sup>21</sup> a distanciou dos questionamentos frente ao tema no início de sua carreira acadêmica. Entretanto, posteriormente, sua pesquisa destinou-se a reformular pilares muito bem estabelecidos principalmente dentro da corrente *mainstream*.

Sua crítica inicial – e corriqueira – é a respeito do excesso de prudência (ou *Prudence Only economists*) no campo científico. Seus argumentos se repetem no decorrer das décadas (ver McCloskey 1983, 1985, 2001, 2006, 2010, 2014 e 2016a). Para McCloskey, a racionalidade e o conceito de maximização da teoria microeconômica (o que ela também chama de *Mr. Max U*) se tornaram o centro das pesquisas – até mesmo quando o tema é a origem do mundo moderno ou da Primeira Revolução Industrial – quando, na verdade, deveriam servir apenas como instrumentos. O que a autora postulou é que os economistas resumem o comportamento humano à virtude da *Prudência*, ligando as escolhas do indivíduo ao auto-interesse – influência da obra de Smith (2017) - e a racionalidade. Ela não descarta tais variáveis, no entanto, entende a necessidade de adicionar outros fatores que o método convencional ignora.

Dessa maneira, ao suplicar por uma Ciência Econômica mais plural, McCloskey (1998) argumenta a favor da interdisciplinaridade. A ideia é que o resultado de um determinado estudo condiga com mais proximidade da realidade. E o principal método ou instrumento para tal é através da Retórica. A ideia da Retórica não é necessariamente descobrir a Verdade com V maiúsculo<sup>22</sup>. Mas pelo menos compreender os porquês do argumento dos diversos trabalhos; como foram escritos; quão plural eles são? Quais são os públicos? Dessa maneira, para McCloskey (1998) o rigor científico tem ganhos extraordinários.

Apesar da formação samuelsoniana e do seu período na Escola de Chicago, pertencente a corrente neoclássica, McCloskey defende um método mais plural. É importante manter em

---

<sup>21</sup> Termo que homenageia o renomado economista do século XX, Paul Samuelson. Seus trabalhos ditaram os caminhos do método da Ciência Econômica, trazendo a matemática para mais perto dos cientistas do campo. Na primeira página do seu *Foundations of Economic Analysis* (1948, p.I), Samuelson inicia seu argumento parafraseando “Mathematics is a language”. Ver SAMUELSON, P. A. **Foundations of Economic Analysis**, 1948.

<sup>22</sup> A ideia de verdade com “v” maiúsculo ou minúsculo tem grande influência do pragmatismo norte americano do filósofo Richard Rorty. Durante as décadas de 80 e 90, estudos de metodologia no Brasil (ver Gala e Rego (2003) e o debate entre McCloskey e o finlandês Uskali Maki demonstram o tema.

mente, como discutiremos em seguida, que a autora não resume a origem do problema metodológico aos neoclássicos. Aliás, para McCloskey (1988), a Retórica é compatível com o programa neoclássico. A sua mensagem é que as correntes de pensamento podem aprimorar seus respectivos métodos se prestarem mais atenção na importância das palavras e do discurso. A análise da retórica mccloskeyana é bem elencada por Fernández (2000, p.143):

(...) McCloskey se preocupa com a verdade até o ponto em que parece razoável e possível fazer isso, mas ela certamente não está preocupada com a busca metafísica da verdade, seguindo de forma consistente a tradição pragmática em filosofia (e as perspectivas próximas a esta). A perspectiva retórica não bloqueia nossas possibilidades de entendermos os aspectos econômicos da vida (...)

A Retórica de McCloskey – especialmente a crítica ao *Prudence Only* - é de fundamental importância para auxiliar-nos no entendimento da sua obra contemporânea, A Era Burguesa. Consiste-se não apenas em um arranjo metodológico, iniciado na década de 1980, mas também como um instrumento ético que explica a geração de melhoras e riqueza nas sociedades ao redor do planeta desde os anos 1800. Para tal análise iremos pontuar as especificidades quanto ao método assim como a perspectiva ética, esta no debate com Thomas Piketty frente os rumos do século XXI.

McCloskey (2018a) se considera, hoje, uma conversão tardia da Escola Austríaca de Economia. Ela também se refere como uma viajante das Escolas. Pertenceu a uma delas por um período significativo de tempo, a Escola de Chicago. É importante entender que sua crítica retórica não se dá especificamente aos neoclássicos, mas para os cientistas econômicos em geral. Dessa forma, como postulado por Fernández (2000), seu trabalho foi questionado tanto pela ortodoxia quanto pela heterodoxia. Não iremos expandir o debate à diversas visões<sup>23</sup>. O objetivo do trabalho é, em uma perspectiva retórica, analisar como o método mccloskeyano influenciou na construção da Era Burguesa e na sua defesa para um (novo) Liberalismo. O estudo da história das ideias, especialmente quando analisada em uma pensadora específica, nos permite avaliar a mudança de seu pensamento gradualmente.

Em McCloskey (1970), em seus estudos históricos frente o Reino Unido, a autora<sup>24</sup>, através de métodos ortodoxos – *e.g* relação capital/trabalho do modelo de Solow, *supply-side*

<sup>23</sup> Para um questionamento da Retórica de McCloskeyana, ver Paulani (1999).

<sup>24</sup> Como sabido, McCloskey passou por uma cirurgia de mudança de sexo na década de 90. Até então, era conhecida como Donald McCloskey. Por coerência lógica, no decorrer desse trabalho iremos sempre nomeá-la



*economics* -, explica como é equivocada a análise de que a Grã-Bretanha Victoriana falhou, em termos de produtividade e crescimento econômico, por um problema de demanda. No estudo, acredita-se que para o caso analisado (final do século XIX e início do XX) é mais provável que a oferta criava a sua própria demanda. A conclusão de McCloskey (1970, p. 459) demonstra que,

The thesis expressed here is that resources available to the economy were not elastic in supply and the reallocation of them (capital abroad, for example) would have brought little or no additional growth. The growth of output depended on how productively the available resources were used. (...) The alternative is a picture of an economy not stagnating but growing as rapidly as permitted by the growth of resources and the effective exploitation of the available technology.

O que queremos elencar são dois aspectos: primeiro, a influência neoclássica em seu discurso e segundo, e mais importante, o fato do clássico *Did Victorian Britain Fail?* (1970) não representar, *a priori*, a palavra final do debate no período estudado. McCloskey (1970) objetivou ampliar a discussão, através de equívocos defendidos por vários historiadores, garantindo uma possível alternativa de leitura do momento histórico.

Em outras palavras, tal situação é um cenário em que ela defenderá, por ventura, com seus trabalhos no campo da Retórica na década seguinte: a verdade em coerência dos fatos. Reitera-se que o trabalho pioneiro na Metodologia não visa atacar essencialmente a Escola Neoclássica – até porque McCloskey está inserida nesta e reconhece os avanços que tal pensamento garantiu na Ciência Econômica. Para a autora, o principal problema é o positivismo lógico, até então, encontrado nas pesquisas. Há um reducionismo metodológico, através das ferramentas da estatística, por exemplo, que impedem os autores de avançarem no campo científico. Além disso, os métodos de previsão se tornam viesados (tendenciosos).

A década de 1980 apresenta, então, uma alternativa para o método na Economia. Em seu clássico livro, *The Rhetoric of Economics* ([1985] 1998)<sup>25</sup> a pensadora contemporânea desconstrói diversas linhas de pensamento, desmembrando os argumentos de autores reconhecidos assim como suas metodologias. A Retórica, desde os gregos, é arte da

---

como Deirdre, até porque é como ela sempre se sentiu desde o início de sua vida. Para maiores detalhes, ver McCloskey (1999), quando ela conta a respeito da transição e os respectivos desafios.

<sup>25</sup> Em 1998, McCloskey publicou uma segunda edição com algumas revisões e um novo capítulo, este fazendo um questionamento se sua obra havia de fato surtido efeito. De maneira negativa, a norte americana afirmou que muito estava no mesmo e postulou a importância do questionamento do método, do pluralismo e da interdisciplinaridade. Mais tarde em 2002, a economista lança uma nova obra: *The Secret Sins of Economics* em que pode parecer mais uma tentativa de súplica para renovarmos a maneira de pesquisar a Ciência Econômica: “I am afraid that my science of economics has come to the same point. Paul Samuelson, though a splendid man and a wonderful economist (honestly), is a symbol of the pointlessness of qualitative theorems.” (McCloskey, 2002, p. 56)

argumentação, de persuadir outros (cientistas) com as suas ideias. Para McCloskey (1998), a Retórica, principalmente na Economia, deve ser algo bem qualificado, habilidoso, uma escrita com a intenção de mudar perspectivas. Nesse processo, é dever do economista não se limitar apenas ao repertório econômico, mas sim, buscar a interdisciplinaridade, ou seja, linguagens, história e filosofia são bases fortes na argumentação que devem ser utilizadas.

Através da sua súplica a uma ciência mais plural, a economista torna central em sua obra a preocupação com os caminhos da pesquisa econômica. McCloskey (1998 e 2018b) acredita que os economistas não estão mensurando – ou não querendo mensurar – seus dados de maneira correta. Resultado da comodidade que instrumentos como os testes de significância trazem no questionamento de qualquer hipótese. A autora afirma que os pesquisadores se perderam na chamada “significância estatística”, ignorando qualquer necessidade de, por exemplo, estabelecer padrões. Além disso, o que McCloskey (1998 e 2018b) percebeu foi que tal cenário inibia - e inibe - a pesquisa de perguntar “*How Big is Big?*”, resumindo as eventuais conclusões na rejeição ou não da hipótese nula de um modelo econométrico.

Dessa forma, ela declara que há uma confusão de termos entre *Significância Estatística* e *Significância Científica*, “The numbers are necessary material. But they are not sufficient to bring the matter to a scientific conclusion [grifo da autora]. Only scientists can do that, because “conclusion” is a human idea, not Nature’s. It is a property of human minds, not of the statistics” (McCloskey, 1998, p. 112). A *Significância Estatística* procura entender relações entre variáveis de uma determinada amostra populacional, muitas vezes através de uma regressão/função e testes (e.g o aumento da criminalidade em um bairro com o nível de escolaridade); a *Significância Científica* é um resultado mais amplo, levando em consideração os testes estatísticos, mas também os demais resultados das outras ferramentas que as disciplinas complementares – e a própria Ciência Econômica - podem oferecer.

Repare que o problema não é a utilização da significância de testes estatísticos, mas sim o método que a tornou o suficiente para explicar fenômenos. Os cientistas ignoram os problemas ao redor da pesquisa - em termos econométricos, seria como se suas regressões possuísem um  $r^2$  muito pequeno - e argumentam apenas aquilo que eles conseguem efetivamente provar – é o que a americana chama de ficar bem embaixo da lâmpada, onde tudo é bem iluminado. Em McCloskey (1998, p.115), a economista sustenta a importância dos padrões,

(...) *by discussing the rhetoric of the economic issue* [grifo da autora]. Tables of Student's-t do not make the choice. They are relevant only if you have *already chosen, on scientific grounds, what constitutes Big and Small* [grifo da autora]. (...) The argument is that the econometrics has not followed its own rhetoric of hypothesis testing.

Diante de tal situação, a autora defende com que o método deve ser debatido, que os cientistas saiam de baixo da lâmpada e explorem os lados mais escuros da sala, busquem maiores relações com maiores populações (amostras), para tornar a pesquisa mais real e capaz de melhores previsões<sup>26</sup>.

Toda a discussão do método mcloskeyano, antes da crítica ao reducionismo estatístico e aos testes de significância, McCloskey entende que a Retórica é um contraponto – libertador - ao método *Positivista Lógico*. Os estudos da norte americana sobre a Retórica se iniciaram na década de 1980, mas a americana entende que o método positivista tem uma influência de longa data na Economia. Em Caldwell (1994), o Positivismo Lógico originou-se em um grupo de cientistas denominado o Círculo de Vienna. Os membros procuravam um método anti-metafísico, através da lógica e de axiomas (postulados) para clarear os problemas.

Os positivistas lógicos consideravam que a ciência deveria ser uma só, especialmente parecida com a física. Assim, o “logical positivist program asserted that only meaningful statements were to be permitted scientific consideration and accorded the status of knowledge claims” (Caldwell, 1994, p.13). O que se entende por argumentos significativos seriam ou tautológicos ou sintéticos, logo, que podem ser verificados e refutados através de evidências. Para separar os argumentos tautológicos dos metafísicos, criou-se o princípio da verificabilidade, que segundo Caldwell (1994), significa que uma afirmação só tem significado até o limite em que esta é verificável. A verificação implica testes, dessa maneira, é possível provar se uma asserção é verdadeira ou falsa. Resultado dessa crença é que os positivistas lógicos tinham tanta afeição pela Física, enquanto ditavam críticas ao modo “metafísico” das Ciências Sociais.

O método positivista pode ser considerado dedutivo. Para Blaug (2016), o modelo hipotético-dedutivo envolve uma lei universal atrelada a condições iniciais relevantes, constituindo premissas de um enunciado que o cientista deseja explicar ou resolver. A questão de lei universal é importante, “em todos os casos em que ocorrem A, ocorrem também B” (Blaug, 2016, p. 39). Também, o autor explica que “Nem é necessário acrescentar que a lógica

---

<sup>26</sup> Em diversas oportunidades, McCloskey argumenta que é uma economista quantitativa (e.g [1982] 1998, 2002, 2006), entretanto considera que o método de mensurar os dados tenha perdido seu papel instrumental e se transformou na comodidade central da pesquisa.

dedutiva é um cálculo abstrato e que a validade lógica do raciocínio dedutivo de forma alguma depende da verdade material ou da premissa principal”. McCloskey (1989) encontra o dedutivismo, atrelado ao pensamento positivista lógico, como principal problema na pesquisa da Ciência Econômica.

Na Ciência Econômica, McCloskey (1989, p. 226) resume como o positivismo lógico contaminou o método<sup>27</sup>,

They [os economistas] talk a lot about verifiability, observable implications, meaningful statements, science vs pseudo-science, the love of physics<sup>28</sup>, the unity of sciences, the fact/value split, prediction and control, hypothetico-deductive systems, and the formalization of languages.

Dessa maneira, tal conjunto de fatores é o que McCloskey (2002) irá denominar *Prudence Only Economists*: o grupo de economistas que apresentam um grau de formalização exagerado na explicação de fenômenos econômicos atrelados ao princípio de maximização de utilidade, racionalidade e verificabilidade.

A Retórica em seu trabalho faz menção a sua defesa interdisciplinar da ciência; para tal, McCloskey elabora um modelo econométrico para se entender o comportamento, de qualquer natureza a ser explicado:

$$B = \alpha + \beta P + \gamma S + E$$

Em que B é o *behavior* a ser explicado (a variável dependente), P a prudência (e.g. princípios da microeconomia, por exemplo) e S a solidariedade (e.g. aspectos sociais que influenciam a variável B). O que queremos chamar atenção é que tal modelo representa uma maneira formal da Retórica de McCloskey. Para conseguir a explicação definitiva de um fenômeno, o cientista

---

<sup>27</sup> Milton Friedman (1966) desempenhou um papel fundamental na defesa de um positivismo na Ciência Econômica, criticando a então ciência normativa. Boianovsky (2018, p.4) reflete o método: “(...) Friedman was concerned with the process of inquiry. From that perspective, theories follow as results of acquaintance with facts, in the sense that empirical investigation is prominent not just in assessing a theory but also in developing it. The empirical basis of theories comes from working back from fact observations to assumptions.” Ver BOIANOVSKY, M. The Brazilian Connection in Milton Friedman’s 1967 Presidential Address and 1976 Nobel Lecture. **CHOPE Working Paper**, n. 11, 2018. E FRIEDMAN, M. The methodology of positive economics. **Essays in Positive Economics**. University of Chicago Press, p.3-43, 1953.

<sup>28</sup> Em McCloskey (2018b) entendemos a posição da economista frente a Ciência Física. Para ela, ao retomar o problema da carência de parâmetros – *How Big is Big?* – nas pesquisas econômicas, os economistas deveriam seguir exemplo da Física e da História justamente por tais ciências desenvolverem seus resultados a partir de comparações, no sentido em que garantem significados reais aos seus respectivos resultados. Dessa maneira, se compararmos os trabalhos (1989 e 2018b), o que McCloskey está alertando é que os economistas estão tentando extrair da Física somente a verificabilidade e o seu caráter laboratorial, ignorando a formulação de parâmetros cuja necessidade é central na Economia.

precisa tanto da variável P como da S: são os instrumentos da estatística, mas também da história e da sociologia – e em termos mais atuais, também da psicologia<sup>29</sup>. E mais importante, atrelado ao um dos pilares da Era Burguesa, P faz menção a virtude da Prudência, enquanto S às outras seis virtudes: Fé, Amor, Esperança, Temperamento, Justiça e Coragem. Em suma, a Retórica, para McCloskey (1988, p. 271-272; 274-275),

(...) in other words, is that economics, dammit, is rhetorical. (...) a literary approach to economics will bring economics back into the conversation of mankind. By showing that economics works in ways that poems and novels work we show economics to be humanistic as well as scientific (...) Rhetoric is a theory of democratic pluralism, and of general education in a free society (...) The good of having economists educated to see their field from the outside will be certain improvements in the practice of economic argument. (...) Economists cannot be honest about their arguments if they cannot see what they are.

Em McCloskey (1989), postula-se que a superação do método positivista lógico tem um aspecto libertário. O que os positivistas lógicos alegavam é que a unificação da ciência é capaz de reduzir a intolerância e a violência nas discussões – e as nas decisões políticas - considerando que os enunciados seriam testados e o princípio da verificabilidade seria o suficiente para refutar ou não uma hipótese. A americana enxerga pelo contrário: o positivismo lógico é uma negação à liberdade humana, justamente por prender a pesquisa em axiomas e experimentos controlados. Os fenômenos, dessa forma, se tornam viesados e perdemos o contato com a realidade. Repare que a questão liberal envolve, direta ou indiretamente, o trabalho de McCloskey no decorrer das décadas: anos 1980 temos o método libertário e no século XXI a ética.

Dessa forma, não só o verdadeiro burguês foi, com as sete virtudes equilibradas, fundamental para mudar a retórica no século XVIII, originando o Acordo Burguês, como o método de se fazer Ciência Econômica também necessita, para McCloskey (2002), tais virtudes para entendimento do mundo que nos cerca. As Sete Virtudes têm uma dupla função. O seu trabalho nos permite fazer tais ligações. A Retórica se tornou um pilar ético e metodológico – desde a libertação do Positivismo Lógico ao enriquecimento do mundo moderno, através da burguesia.

A partir disso, o contraponto elencado por McCloskey (2014) à obra do economista francês Thomas Piketty representa esse aspecto libertário da retórica em método e ética. A mensagem de Piketty reforça a visão pessimista quanto a classe burguesa e o sistema capitalista. McCloskey, ao contestar o pessimismo do francês, coloca em prática a sua reavaliação da

---

<sup>29</sup> Ver SIMON, H. A. Comportamento administrativo: estudo dos processos decisórios nas organizações administrativas. FGV, 1979.

burguesia através da retórica liberal já explorada no presente trabalho. O que queremos deixar claro é como McCloskey utiliza do seu método retórico para contra argumentar a obra de Piketty.

#### 4.1 O Caso de Thomas Piketty e o seu “Capital no Século XXI”

A visão ética e metodológica da Retórica de McCloskey pode ser amplamente analisada em sua revisão da obra de Thomas Piketty, o “Capital no Século XXI” (2014), já que os dois economistas detêm de visões diferentes acerca do século atual: Piketty é pessimista quanto ao desenvolvimento das sociedades, alegando um possível aumento das desigualdades de riqueza e renda; McCloskey, em contrapartida, é otimista e garante que as sociedades continuarão seus processos de enriquecimento e melhorias quanto a educação, acesso a saúde, entre outros.

A verdade é que ambos realizam previsões considerando respectivas variáveis, ou desconsiderando outras. Segundo Borges (2003), por trás de cada retórica existe, *a priori*, uma ideologia; Piketty e McCloskey não são exceções. A teoria econômica não é capaz de prever com exatidão os caminhos do século XXI. No final, o que se sustenta em ambos são suas crenças por trás de seus discursos. Todavia, considerando nossa investigação, o contraponto de McCloskey nos revela muito sobre o seu pensamento liberal e retórico.

“O Capital no Século XXI”, uma vez publicado na França em 2013, não chamou tanta atenção. Entretanto, quando traduzido para os demais países centrais em 2014, logo foi capaz de transformar o discurso sobre a desigualdade. Piketty, através de um esforço significativo de coleta de dados, ilustrou o comportamento do capital sobre a renda em vários países ocidentais – e.g Estados Unidos, França, Inglaterra e Canadá – entre os séculos XVIII e XXI. Seus resultados mostraram um possível alerta: algumas sociedades aumentaram os níveis de desigualdade de renda e riqueza a partir de 1970, podendo retroceder aos níveis do século XIX. Isso se deu devido a acumulação de grandes fortunas e heranças que para Piketty (2014), precisam ser reguladas através de impostos progressivos.

O ponto central dessa discussão é o que economista francês anuncia como a principal contradição do capitalismo, a relação entre a taxa de retorno do capital,  $r$ , e o crescimento econômico dos países analisados,  $g$ . A desigualdade  $r > g$ , de acordo com o Piketty (2014), apresenta o cenário em que o nível de riqueza herdada pela classe detentora de capital cresce mais que a economia como um todo. Razão dessa desse cenário se garante, principalmente,

através das grandes heranças e fortunas que geraram uma classe de rentistas que não contribui com o aumento da produtividade, apenas com o da desigualdade de riqueza.

Elencaremos alguns pontos metodológicos que merecem destaque, posteriormente avançando no debate ético. Em uma primeira análise, Piketty (2014) avança o discurso e o método de pesquisa na Ciência Econômica incluindo um esforço de estudo plural e interdisciplinar. Além disso, um dos grandes confrontos de McCloskey em sua Retórica é o problema do quantitativismo reducionista da significância estatística, em que o economista francês não se perde ou cai em armadilhas. É preciso ressaltar também o ar político que a obra acaba prevalecendo, o que corrobora com os julgamentos e previsões do autor<sup>30</sup>.

Piketty se considera um economista com influências clássicas. O economista garante uma introdução em seu livro para apresentar as ideais principais de Thomas Malthus, David Ricardo e Karl Marx. Todos os citados postulam profecias pessimistas em relação aos caminhos de uma sociedade capitalista. Podemos elencar algumas como: *i*) a produção de alimentos não seria capaz de suprir o constante aumento populacional – previsão malthusiana; *ii*) o preço da terra continuaria a subir dada a sua escassez – visão ricardiana; *iii*) a tendência inexorável do capital de se concentrar nas mãos dos detentores daquele – visão marxista. Não cabe a nós discutir aqui tais previsões – até porque já foram exaustivamente discutidos em um tamanho universo de pesquisa da Ciência Econômica. O importante é notar que, a princípio, tais ideias foram vencidas pelo progresso tecnológico e aumento da produtividade.

O que se torna crucial é entender como algumas dessas colaborações se tornaram a base do argumento de Piketty em sua obra. A primeira delas é o chamado “Princípio da Escassez” de David Ricardo (1996). Como brevemente elencado, o economista político acreditava que com o aumento da produção de alimentos, as terras se tornariam escassas e seu preço automaticamente subiria, além dos próprios aluguéis pagos aos proprietários. Piketty entende que tal previsão não se concretizou. Entretanto, acredita que se substituirmos o preço das terras pelo dos imóveis urbanos ou do petróleo, em projeções futuras as sociedades – as analisadas em sua coleta de dados – podem atingir desequilíbrios político, social e econômico, avaliado pelo princípio ricardiano.

Outra influência de seu pensamento que perdura no decorrer da leitura é teoria marxista a respeito da acumulação de capital. Novamente, apesar do progresso tecnológico e aumento

---

<sup>30</sup> Maki (2000, p.45) alerta que as conversações como performance, buscando atrair os espectadores leigos ao tema podem se atribuir em discursos políticos, o que Piketty, indiretamente acaba realizando, “Certain familiar kinds of political debate exemplify paradigmatic features of conversation as performances. Therefore, we might also say that conversation as performance is a matter of practicing political rhetoric.”

da produtividade, o economista francês acredita que o movimento ocorrido entre os anos de 1970 e 1980, o aumento da riqueza privada assim como do capital na renda nacional, pode direcionar a renda nas mãos de pequenas parcelas das populações analisadas. O resultado também seria desequilíbrios socioeconômicos.

As duas teorias clássicas se tornam base da pesquisa de Piketty. Percebe-se em suas previsões, assim como na leitura dos clássicos, pessimismo significativo por parte do francês. De qualquer forma, o que nos chamou atenção foi a maneira como foram tratados o Sistema de Preços e a própria Lei da Oferta e Demanda. Ao discutir as ideias de Ricardo, Piketty (2014, p. 14) parece se equivocar, “Se a oferta de qualquer bem for insuficiente e o preço estiver exageradamente elevado, a procura por esse bem deve baixar, o que permitirá uma redução de preço”. A partir disso, o pesquisador alerta que os detentores de imóveis ou de petróleo podem acabar acumulando créditos e riquezas, fomentando a desigualdade. Piketty (2014, p.14), logo em seguida, postula “a interação entre a oferta e demanda não impede que ocorra uma divergência significativa e duradoura na distribuição de riqueza ligada aos movimentos extremos de certos preços relativos”.

A primeira sentença mostra um equívoco técnico que é discutido em qualquer curso básico de Teoria Microeconômica. A ideia de um determinado bem ter uma oferta insuficiente para uma determinada população gera um preço elevado. O erro, porém, é alertado por McCloskey (2018b): ao mencionar “o que permitirá uma redução de preço”, Piketty (2014) está tecnicamente afirmando que teríamos um deslocamento inexplicável da curva de demanda, fruto do mesmo choque exógeno que retraiu a curva de oferta em outro período. O que acontece, na verdade, é uma redução da quantidade demandada desse bem – e.g petróleo, imóveis -, ou seja, um movimento ao longo da curva de demanda, não implicando seu deslocamento. Para que haja um novo equilíbrio no preço e quantidade desse bem será necessário, segundo McCloskey (2018b), uma expansão da curva de oferta. Considerando o elevado preço de um bem, se torna atrativo para novas firmas entrarem numa determinada indústria; novos investimentos são realizados; novas técnicas de produção são descobertas, o que no longo prazo reduz o preço do bem. Em resumo, McCloskey (2018b, p. 33) dita, “it does not occur to him [Piketty] that high prices causes after a while the *supply* [grifo da autora] to move out; he thinks that the high price will cause the demand *curve* [grifo da autora] to move *in* [grifo da autora], leading to a ‘decline in price’(...)”. Dessa forma, além de alertar o leitor de um equívoco teórico, McCloskey (2018b) também demonstra sua herança argumentativa da Escola neoclássica e crença no Sistema de Preços.



De certo modo, é cabível imaginar que Piketty realmente saiba da teoria tradicional. Entretanto ao descrever a lógica da dinâmica da oferta e da demanda daquela maneira – algo que servirá como base no decorrer de sua obra –, o economista passa a querer convencer o público que não detém o conhecimento técnico da teoria econômica. Os leitores vão se convencer pelo julgamento e impressão do autor. Aqui teríamos um primeiro momento de *conversation as performance* descrita por Maki (2000). Uma leitura sem questionamentos em que a *third-party audience* facilmente aceita despercebida<sup>31</sup>.

O importante aqui é demonstrar outra ótica a respeito do Sistema de Preços. A ideia é que possamos expandir o conhecimento do espectador leigo, afinal, nessa análise retórica nossa pesquisa pode incluir-se dentro da *second-party audience*, ou seja, participantes do debate.

F. A. Hayek colaborou de maneira significativa na compreensão da dinâmica do mercado e dos indivíduos nele incluídos. O tema central de sua pesquisa é a questão do conhecimento, e como este é disperso. Em 1945, seu artigo *The Price System as a Mechanism for Using Knowledge* aborda a importância do Sistema de Preços como instrumento de agrupar esses conhecimentos dispersos e, por exemplo, reagrupar determinados bens pela dinâmica da oferta e da demanda<sup>32</sup>. Para Hayek (1945a), em um cenário de escassez de um bem, a ação individual de alguns dentro do mercado é capaz, através do conhecimento fragmentado, de realocar ou substituir esse bem dentro de toda a economia. Não é preciso que essa informação seja conhecida por todos.

Estamos incluindo essa perspectiva, uma vez que Piketty (2014, p.14) ao postular “uma divergência significativa e duradoura na distribuição de riqueza ligada aos movimentos extremos de certos preços relativos”, está, de maneira negativa, desconsiderando uma eventual

---

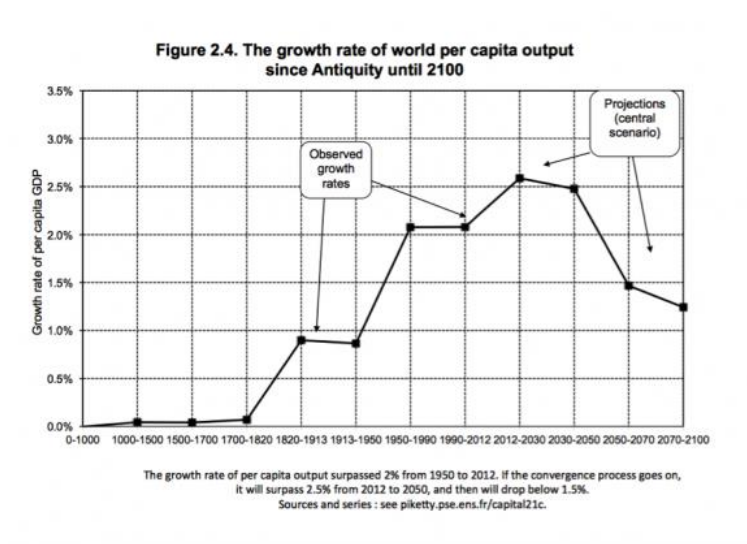
<sup>31</sup> O artigo é uma análise retórica feita pelo próprio Uskali Maki após receber a réplica de McCloskey frente um artigo anterior do finlandês diagnosticando a Retórica da economista, “Diagnosing McCloskey” (1995). Os dois pesquisadores começam um debate sobre epistemologia moderna e filosofia analítica em que não nos aprofundaremos. Entretanto, o filósofo, mesmo em meio suas discordâncias com a norte americana, admite a importância desta em sua pesquisa e vida: “My career as a friendly critic of Deirdre McCloskey’s approach to the rhetoric of economics has been na extremely rewarding experience. I have learned immensely. I have learned about rhetoric, about economics, about McCloskey, about myself – and about the difficulties of scholarly debate. The experience has been rewarding because it has given me the opportunity to develop building blocks for my own preferred understanding of the rhetoric of science and of economics in particular.” (Maki, 2000, p.43). O filósofo pretende ampliar o sentido de plateia adicionando o que chama-se de “*second party audience*” (participantes diretos) e “*third party audience*” (espectadores). Dessa forma, o primeiro termo reflete aos participantes que detêm *expertise* no assunto, contribuindo na conversa com questionamentos relevantes e sólidos. O segundo termo, em contrapartida, faz menção ao grupo de pessoas *non-experts*, que logicamente garantem uma carência no debate devido sua falta de conhecimento sobre um determinado tema. Assim, o que se observa é uma assimetria intelectual em que o persuasor pode explorar dependendo do público que gostaria de atingir – via retórica.

<sup>32</sup> Hayek tem um amplo trabalho no estudo do *Knowledge*. O economista sempre alertou na dificuldade de realizar um *central planning* justamente pelo fato do conhecimento estar tão espalhado na sociedade. Para que aquele seja utilizado da melhor maneira, é preciso uma descentralização em que os indivíduos detentores desse conhecimento possam aplica-lo na sociedade (ver Hayek (1945b), (1937)).

mudança – que Hayek (1945a) considera para melhor<sup>33</sup> – na utilização de certos bens. Os indivíduos podem encontrar bens substitutos (ao petróleo, por exemplo) e inibir uma eventual concentração de riqueza duradoura por parte de pequenos grupos. Novamente, postula-se aqui apenas uma visão alternativa de como encarar o Sistema de Preços para ampliar a visão dos espectadores que são leigos acerca dos caminhos da teoria econômica.

Em um terceiro momento, observa-se o pessimismo de Piketty em suas previsões – ou profecias. Através dos seus métodos, o economista francês demonstra que teremos uma queda abrupta do crescimento do produto mundial nas próximas décadas. Em sua concepção, *ceteris paribus*, os países irão retornar ao nível de atividade econômica do século XIX. A dúvida, como elencado por Martín (2014), é que tal previsão não é válida, uma que vez que a Ciência Econômica não é capaz de determinar com exatidão tamanho movimento. Piketty (2014) parece, como os economistas clássicos, ignorar ganhos de produtividade e progresso tecnológicos – ressaltados por McCloskey (2006, 2010, 2016, 2017). Para fortalecer a ideia de Martín, percebe-se que analisando o gráfico 1 no ano de 2012 a taxa de crescimento estava, pelo contrário, crescente.

Gráfico 1: O Crescimento do Produto Mundial



Fonte: Piketty (2014)

<sup>33</sup> Milton Friedman, expressivo economista do século XX, em seu documentário *Free to Choose*, defende fortemente o poder do Sistema de Preços com a sua famosa História do Lápis, “Literally thousands of people cooperated to make this pencil. People who don’t speak the same language; who practice different religions; who might hate one another if they ever met. When you go down to the store and buy this pencil, you are, in effect, trading a few minutes of your time for a few seconds of the time of all of those thousands of people. What brought them together and induced them to cooperate to make this pencil? (...) It was the magic of the price system (...) That is why the operation of the free market is so essential. Not only to promote productive efficiency, but even more, to foster harmony and peace among the peoples of the world.” Ver FRIEDMAN, M. **A História do Lápis**. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=skx8a90xI78> >. Acesso em: 02 de Julho de 2018.

Essa breve análise retórica de Piketty nos mostra pontos fundamentais. Primeiro o seu esforço significativo para ampliar o debate sobre a renda e a riqueza no mundo, através de um método plural de se fazer ciência. Sua coleta de dados históricos e estatísticos tornam o seu trabalho imprescindível para discussões futuras. Segundo ponto, sua influência clássica das teorias de Marx e Ricardo são base das suas previsões e estudos frente ao capital – o francês parece ignorar também, em determinados momentos, progresso tecnológico e aumento de produtividade para o futuro. Terceiro, uma visão pessimista, atrelada ao seu posicionamento ideológico, frente o século XXI. Acreditamos que, em uma ótica ética, são os principais pontos que McCloskey (2014, 2016a e 2017) confronta.

Em primeiro lugar, Piketty (2014, p.54) postula uma equivalência entre capital e riqueza, “Em suma, definiremos “riqueza nacional” ou “capital nacional” como valor total, a preços de mercado, de tudo que os residentes e o governo de um país possuem num determinado momento e que possa ser comprado e vendido em algum mercado.” A ideia é que o seu estudo será focado em ativos não financeiros, como terrenos e imóveis, e financeiros, como contas bancárias e ações. Sob a ótica da desigualdade, sua análise fica incompleta.

Desconsiderar os bens de consumo duráveis, como, celulares, carros e vestimenta é ignorar, de acordo com McCloskey (2016) um ganho de aproximadamente 300% de renda média per capita mundial do século XIX ao XXI; além do que McCloskey (2006, 2010 e 2016) chama de “Factor of 16”, fazendo menção ao consumo de bens dezesseis vezes maior – em média mundial – entre os anos 1800 e 2000. Dessa maneira, Piketty discute a evolução histórica e dinâmica do capital carecendo de exposições que mostram que as sociedades, independentemente de serem desiguais ou não, foram capazes de enriquecer.

Para McCloskey (2014), Piketty garante uma perspectiva meramente acumulativa em relação ao capital. Existe um payoff ético em que as pessoas comuns aproveitam os ganhos de capital de seus detentores – i.e o progresso tecnológico, as novas criações e métodos na produção, a queda de preço, etc. Como também percebido em nossa análise, o economista francês ignora o capital humano, sendo explicitado por Piketty (2014, p.51) como “força de trabalho, as qualificações, a formação, as capacidades individuais”. Para McCloskey (2014), dessa forma, o francês está ignorando o aprendizado das pessoas, a melhoria dos argumentos, da opinião e do intelecto, que para ela são fundamentais. O mundo moderno foi criado através do aumento de capital humano.

Um retrato desse argumento é demonstrado em Martín (2001). A Tabela 1 mostra como os mais ricos no início do século XX não são os mesmos do final deste. Tal fato corrobora duas

análises: a primeira de que as heranças não são, necessariamente, a razão principal do aumento da desigualdade; e segundo, e mais importante, os bilionários de hoje (Gates, Dell, Buffett), conseguiram suas riquezas através do mérito de suas ideias inovadoras, não de heranças. Nessa ótica, se torna incontestável a importância do capital humano no mundo moderno, fator que Piketty ignora. E, através das inovações desses indivíduos, podemos perceber o payoff ético que McCloskey (2014) defende: são as pessoas comuns obtendo ganhos de produtividade e qualidade de vida com a criação de novas máquinas, sistemas e métodos de terceiros também – originalmente - pertencentes a classe média, longe de qualquer grande fortuna ou concentração de riqueza. Para McCloskey (2014, 2016), as pessoas não deveriam se importar se as novas ideias estão garantindo lucros extraordinários aos seus detentores. O que importa é que as inovações e descobertas estão gerando externalidades (consequências indiretas) positivas para os povos.

Tabela 1: As Pessoas mais Ricas do Mundo entre 1915 e 2000

<i>Personas más ricas del mundo en 1915 y en 2000</i> <i>En millones de dólares</i>				
1915			2000	
<i>Nombre</i>	<i>Fortuna</i>	<i>Valor actual</i>	<i>Nombre</i>	<i>Fortuna</i>
Rockefeller, John D.	1.200	80.000	Gates, William H. III	60.000
Frick, Henry C.	225	15.670	Ellison, Lawrence Joseph	47.000
Carnegie, Andrew	200	13.330	Allen, Paul Gardner	28.000
Baker, George F.	150	10.000	Buffett, Warren Edward	26.000
Rochefeller, William	150	10.000	Walton, S. Robson	20.000
Harkness, Edward S.	125	8.330	Dell, Michael	19.000
Armour, J. Odgen	125	8.330	Anschutz, Philip F.	16.000
Ford, Henry	100	6.000	Ballmer, Steven Anthony	15.500
Vanderbilt, William K.	100	5.000	Redstone, Sumner M.	12.000
Green, Edward	100	5.000	Kluge, John Werner	11.900
Harrimann, E.H.	80	5.000	Ergen, Charles	11.200
Astor, Vincent	75	5.000	Pritzker, Thomas J.	
	10.700			
Stillman, James	70	4.670	Murdoch, Keith Rupert	9.400
Ryan, Thomas F.	70	4.670	Turner, Robert E. (Ted)	8.300
Guggenheim, Daniel	70	4.670	Schwab, Charles R.	7.500
Schwab, Charles M.	70	4.670	Johnson, Abigail	7.400
Morgan, J.P.	70	4.670	Mars, Forrest Edward Jr.	7.000
Russell Sage, Sra.	60	4.000	Mars, Jacqueline Badger	7.000
McCormick, Cyrus Jr.	60	4.000	Mars, John Franklyn	7.000
Widener, Joseph	60	4.000	Filo, David	6.600

Fonte: Martín (2001)

Assim, a norte americana condena o pessimismo da obra. A economista também questiona o problema da desigualdade. Para ela, o francês foge do tema central que é, na verdade, a pobreza.

Em seu mais recente trabalho, *Bourgeois Equality: How Ideas, Not Capital or Institution, Enriched the World*, McCloskey (2016, p. 47-48) nomeia um capítulo “Inequality is Not the Problem” e argumenta a importância da mudança de foco para a pobreza, e não a desigualdade,

(...) such an ethical goal [a redução da pobreza] was to be achieved, not by direct programs of redistribution, nor by regulation, nor by trade unions, but by free trade and rights for women and tax-financed education – and in event above all by the Great Enrichment, which finally in the late nineteenth century started sending real wages sharply up, Europe Wide.

Ela ainda reitera a questão da obra de Thomas Piketty sob a ótica do Grande Enriquecimento iniciado pelo Acordo Burguês,

Piketty is alarmed by what he claims is the force of interest on inherited wealth causing inequality to increase. (...) Inequality in fact goes up and down in great waves, 1800 to the present, which also doesn't figure in such tale [ $r > g$ ]. Once a Piketty-wave starts it would, according to his logic, never stop, which means we should have been overwhelmed by an inequality-tsunami in 1800 CE or 1000 CE or for that matter 2000 BCE. Nor does Piketty acknowledge entrepreneurial profit, the trade-tested betterment that through the Bourgeois Deal has made the poor rich [o aumento da renda média global de 300% ou o fator de 16 vezes o que os nossos antepassados consumiam em 1800].

Os níveis de desigualdade que Piketty (2014) retrata nos anos de 1970 são consequências de determinados fatores que Martín (2014) esclarece: Entre eles temos, *i*) as políticas econômicas adotadas por Reagan e Thatcher que reduziram a tributação sobre os ricos; *ii*) o aumento de oferta de mão de obra no Oeste, com a inclusão dos asiáticos no mercado global; *iii*) outro aumento de oferta de mão de obra com a geração dos *baby boomers*; *iv*) a questão do progresso tecnológico atrelado a educação aumentou o salários dos indivíduos com tais acessos. A questão dos baby boomers assim como dos Asiáticos é um fenômeno pouco provável de acontecer novamente. Por isso Martín acredita que esse movimento de concentração de riqueza fique estável e não atinja níveis estratosféricos. Portanto, fica clara a ideia de McCloskey ao descrever a desigualdade como uma espécie de onda. Ela pode variar durante as décadas, porém é equivocado afirmar que voltemos aos níveis estratosféricos do século XIX, considerando as variáveis que temos no momento.

A questão que se defende é a garantia do *necessary consumption* para as classes menos privilegiadas – através do incentivo a educação e políticas de renda mínima -, uma vez que o *consumption* dos mais ricos não afetam nem na melhoria, nem na piora da situação dos mais pobres. Nota-se também que em nenhum momento da leitura Piketty explica o porquê de a desigualdade ser um mal. Não nos cabe aqui discutir a sua natureza, entretanto, seu tema central

não tem a origem discutida. É observável que o debate entre concentração de riqueza e a pobreza de fato assumem diferentes perspectivas. Dessa forma, a obra do francês carece em demonstrar tal discussão, além de tornar o seu julgamento político uma verdade absoluta para os espectadores.

A perspectiva ética de McCloskey enfrenta a questão da desigualdade de Piketty. Para ela, os pobres enriqueceram entre os séculos XVIII e XXI através das ideias liberais que permitiram as pessoas inovarem. Todo o progresso na saúde, educação e no próprio consumo de bens atingiram, principalmente as classes menos privilegiadas. McCloskey (2016, p.40) critica os coeficientes que medem o nível de desigualdade dos países, e.g Gini,

Much of the research on the economics of inequality stumbles on this simple ethical point, focusing on measures of relative inequality such as the Gini coefficient or the share of the top 1 percent rather than on measures of the absolute welfare of the poor, focusing inequality rather than poverty (...)

Logo, não se trata a ideia de consumo “suficiente”, apenas desigual; não se compactua as externalidades positivas que o Grande Enriquecimento gerou – um almoço grátis, segundo a americana.

Em seu artigo, Martín (2006, p.351) apresenta um estudo em que tanto a pobreza, como a desigualdade de renda retrocederam cerca de  $\frac{3}{4}$  de 1970 para os anos 2000. Foram realizados alguns índices que mostraram resultados semelhantes. Também foram usados como padrão de comparação as regras do Banco Mundial, “There were between 250 and 500 million fewer poor in 2000 than in 1970. We estimate eight indexes of income inequality implied by our world distribution income. All of them show reductions in global inequality during the 1980s and 1990s”. McCloskey (2016) avança na questão da desigualdade, inferindo a importância do aumento da produtividade observada desde os anos 1800. Para ela, políticas de redistribuição em que se retira diretamente dos ricos para os mais pobres só enriqueceriam estes em um primeiro ato (curto prazo). O Grande Enriquecimento, de maneira contrária, garante um enriquecimento progressivo para as classes menos privilegiada, no terceiro ato (longo prazo)<sup>34</sup>. De forma que o passar dos séculos foi acompanhado de aumentos de produtividade e de tecnologia que afetou todas as classes. McCloskey (2016, p.579) resume a ideia, “The

---

<sup>34</sup> As políticas econômicas sugeridas pela autora, assim como políticas de redistribuição, não serão comentadas no trabalho em termos de eficiência ou praticidade. Assim como as sugestões de Thomas Piketty (e.g imposto progressivo sobre a renda, taxação das grandes fortunas e heranças) foram descartadas, mencionaremos as medidas de McCloskey para garantir seu pensamento completo e nos auxiliar na compreensão da sua ideia liberal de desenvolvimento.

expropriation [os lucros da economia americana] is not a 25 percent gain every year forever, but merely this one time, since you can't expropriate the same people every year and expect them to come forward with the same sums ready to be expropriated again and again.”. Ainda, McCloskey (2016, p. 585), reflete o caráter igualitário da Era Burguesa e da importância do Acordo Burguês,

The Bourgeois Era is egalitarian, I have noted, admiring a justice of equal dignity and liberty accorded to commoners. If the rhetoric of backward-looking solidarity in tradition or utopia-imagining solidarity in socialism dominates over the rhetoric of forward-looking prudence, the Bourgeois Deal can be stopped. (...) Enforcing equality in the first act of the economic drama stops the productivity gains of the third act, and the uplifting of the poor. In other words, *laissez faire, laissez passer* [grifo da autora] comes with the Bourgeois Deal.

No debate entre a desigualdade e a pobreza, McCloskey (2014, p.35) defende que esta tem se reduzido por consequência das inovações iniciadas no século XVIII,

And poverty is indeed falling, even recently, even in already rich countries. If income is correctly measured to include better working conditions, more years of education, better health care, longer retirement years, larger poverty-program subsidies, and above all the rising quality of the larger number of goods, the real income of the poor has risen (...)

Diante de tal cenário, a resposta de McCloskey à Piketty nos mostra a união das duas retóricas discutidas até então: a *metodológica* em que o economista francês detém de uma pesquisa plural, unindo dados históricos e estatísticos – defendidos pela autora na década de 1980; e a *ética*, ponto central da americana para alertar o pessimismo do autor quanto os caminhos do século XXI. Se de um lado, Piketty se mostra extremamente pessimista, prevendo um cenário de concentração de renda e riqueza exagerados, atrelado a classe inovadora da burguesia e demais elites detentoras do capital. McCloskey (2014), por outro lado, já reavalia a atividade burguesa no comércio, mostrando como ela pode ser virtuosa e igualitária. Ela demonstra como o Acordo Burguês, através de um movimento retórico, foi o gatilho para o início do mundo moderno e do Grande Enriquecimento.

Chamamos atenção, assim, de demonstrar como o método mccloskeyano apresenta um caráter libertário de método e de ética. É preciso enxergar tais variáveis de maneira conjunta, compreendendo que tanto o Positivismo Lógico quanto a Aristocracia e os cleros conservador

e socialista/progressista são vencidos, segundo McCloskey (1989, 2016a e 2017) através do discurso – do *sweet talk* – atrelado as *Sete Virtudes*. Consequência disso é a descoberta e a inovação na história. E o enriquecimento para o século XXI.



## 5 UMA PROPOSTA OTIMISTA PARA O SÉCULO XXI

A Trilogia Burguesa de McCloskey demonstra que boa parte das explicações sobre a origem do mundo moderno estão equivocadas. Como mencionado, foram as ideias inovadoras que garantiram o ponta pé inicial de tal movimento. Tal perspectiva foi ignorada pelas correntes de pensamento neoclássica, institucionalista, marxista, entre outras. A economista faz um apelo ao *humanomics*: uma ciência econômica mais humana, contando com as sete virtudes já descritas.

Seu método, segundo ela, demonstra qualitativamente e quantitativamente<sup>35</sup> que o *trade/exchange/market-tested betterment* – ou comumente chamado de capitalismo – foi capaz de gerar o Grande Enriquecimento, um momento no século XVIII em que inovar era digno, e as pessoas tinham liberdade para tal. Há um famoso ditado dentro do universo econômico: “*There is no such thing as a Free Lunch*”, ou seja, sempre terá um agente pagando por um bem ou serviço, mesmo que terceiros estejam utilizando o respectivo de maneira gratuita.

A Trilogia Burguesa de McCloskey tenta provar o contrário. O Grande Enriquecimento é um almoço grátis. É um acontecimento em que as sociedades que adotaram – e estão adotando – as ideias liberais estão enriquecendo e se transformando em melhores. Ninguém está pagando por esse enriquecimento. É um *pay-off* ético. Pessoas comuns com ideias inovadoras que garantem às suas respectivas comunidades novos produtos, serviços e métodos. Compra-se ao preço baixo e vende-se ao um preço alto. Existe ética na busca do lucro, os *entrepreneurs* do século atual e dos séculos passados, com as sete virtudes burguesas balanceadas – Amor, Fé, Esperança, Coragem, Temperamento, Justiça e Prudência – são bons. São burgueses cuja classe se tornou elite intelectual e inovadora entre os séculos XVIII e XIX.

O movimento burguês começou em 1600 na Holanda. Em 1700, os ingleses haviam adotado o comportamento dos *dutch* e iniciaram uma mudança no discurso em prol das ideias liberais, tornando as pessoas comuns dignas de inovarem, além de fomentar a igualdade – no sentido escocês - de todos perante a lei. A ideia que prevalecia – e prevalece – é que o indivíduo pode ser bom no comércio. É o Acordo Burguês. De 1800 em diante a cultura de inovação livre

---

<sup>35</sup> Em McCloskey (2018a), a economista retoma muito do que foi debatido em seus trabalhos da Retórica na década de 1980. Postula-se o problema da falta de se medir corretamente os dados de pesquisa, tornando a pesquisa quantitativamente incompleta. Não se responde a famosa pergunta do *How Big is Big?* Os economistas carecem de padrões (principalmente quando se discute as “imperfeições do mercado”), diferentemente dos métodos da Física e da História. McCloskey (2018a) acredita que a sua Era Burguesa demonstra um trabalho mais completo: a grande comparação é o enriquecimento expressivo dos povos entre 1800 e 2000 (um fator de 30 no consumo de bens e serviços nos países centrais).

se espalhou pela Europa, Estados Unidos, Austrália. No final do século XX, países como a China e a Índia adotaram *o Bourgeois Deal* e iniciaram seus processos de enriquecimento e melhora social.

Todo esse processo tem uma linha de tempo. McCloskey (2016a) nomeia de os 4 Rs. O *Reading* teve seu início em 1500. Em 1600, as Reformas Protestantes (*Reform*). Em seguida, as revoluções burguesas: a Gloriosa e a Francesa (*Revolution*). Temos as quedas das aristocracias, os poderes são divididos. A abertura liberal se inicia. Em 1700 temos a Reavaliação Burguesa (*Revaluation*) que nada mais é que a ascensão do Liberalismo. Os pilares da liberdade individual, liberdade econômica e igualdades social e de oportunidades tomam a frente na Grã-Bretanha. Neste cenário, a mudança Retórica, através das sete virtudes, garante liberdade e dignidade para as pessoas comuns. O Acordo Burguês se torna vigente entre 1700 e 1800. O resultado disso: O Grande Enriquecimento. O Almoço Grátis de McCloskey.

Todo esse cenário é o resultado final do método mccloskeyano. O *humanomics* garante comparações (How Big is Big?), dados estatísticos, modelos formais, história, sociologia, psicologia e, principalmente, ética. O último, como vimos, distancia McCloskey de Chicago e a aproxima da Escola Austríaca. A importância dada a inovação e a descoberta é chave para a compreensão da sua ideia. Como consequência, o contraponto feito em relação as pesquisas frente a história do mundo moderno abriu espaço para um contraponto otimista de visão para o século XXI. A Era Burguesa de McCloskey é a retomada do Liberalismo, um movimento mais humano já presenciado entre os séculos XVIII e XIX que necessita se reafirmar para continuar o desenvolvimento de todos os povos. A Ética Burguesa é a demonstração do seu método retórico. E agora, no século XXI, McCloskey deseja enfrentar o clero conservador da direita e da esquerda na defesa do discurso liberal.

### 5.1 McCloskey, Hayek e o Clero

A *The Economist* (2018, não paginado) está completando, no ano de 2018, 175 anos de história. A revista é reconhecida por defender os ideias clássicos do Liberalismo, sendo “a universal commitment to individual dignity, open markets, limited government and a faith in

human progress brought about by debate and reform.”. Na edição de aniversário<sup>36</sup>, ironicamente, o tema foi a necessidade do pensamento liberal se reinventar. Postula-se que os liberais se tornaram uma elite – por todas as suas contribuições no decorrer dos séculos -, porém atualmente perderam espaço no debate, principalmente por não serem capazes de transmitir seus valores nas suas respectivas sociedades. O manifesto da *The Economist* casa com o de McCloskey em objetivo de demonstrar aos indivíduos a importância do Liberalismo.

O que se observa, principalmente a partir da segunda metade desta década, são movimentos conservadores na Europa e nos Estados Unidos. De um lado, cenários de intolerância de ideias, barreiras migratórias e comerciais, além da própria instabilidade do individualismo – as pessoas têm medo - se tornaram consequência, não necessariamente dos líderes, mas também de seus seguidores. É importante mencionar que, do outro lado da moeda (progressista ou socialista), países como a Venezuela sofrem com o seu modelo de planejamento centralizado, garantindo um período de hiperinflação, fome e miséria no país. Assim, McCloskey (2010, 2014, 2016a e 2017) resgata os fundamentos clássicos, eventualmente defendidos parcialmente pela esquerda e pela direita, para criar – ou reafirmar - uma terceira via: a liberal por inteira.

O clero, intelectuais da direita e da esquerda, estão pessimistas quanto os caminhos do século XXI. Para McCloskey (2018a), a *direita* postula que o capitalismo já atingiu a sua melhor forma, sendo dever do Estado proteger a produtividade nacional do mercado internacional; a *esquerda* contesta o sistema e afirma que as desigualdades de renda e riqueza só tendem a aumentar, levando as pessoas a pobreza. Regulamentação e desigualdade. Problemas relevantes, porém, para McCloskey a fonte de ambos se encontra em outras duas variáveis: pobreza e tirania. A forma de combater ambos? A visão igualitária de Adam Smith (2017) através de um plano liberal de igualdade, liberdade e justiça. Para McCloskey (2017), uma sociedade livre e que todos tenham igualdade perante a lei, além de acesso às oportunidades, é a chave para o enriquecimento, reduzindo qualquer desigualdade e inibindo regulamentações por parte do governo.

O ponto de vista de McCloskey já era discutido por Hayek (1992). O contexto histórico difere principalmente pela influência do socialismo no século XX. Em obras como “*The Road*

---

<sup>36</sup>Ver A Manifesto for Renewing Liberalism. **The Economist**. Disponível em: < <https://www.economist.com/leaders/2018/09/13/a-manifesto-for-renewing-liberalism?fsrc=scn%2Ftw%2Fte%2Fb1%2Fed%2Famanifestotheeconomistat175&fbclid=IwAR2i4ADUhb11Fm-i9cG9kp90bb8zb4JriEOq2GZC7CCBVvwYwyhiqP9mXA> > Acesso em: 20 de Setembro. 2018

*to Serfdom*” (2007) Hayek critica o planejamento centralizado dos países socialistas, advogando a favor do individualismo e do livre mercado. Como McCloskey em sua Trilogia Burguesa, Hayek (2007, p.70) percebe o movimento do pensamento liberal que abrangeu todas as classes no século XIX,

What the nineteenth century added to individualism of the preceding period was merely to make all classes conscious of freedom, to develop systematically and continuously what had grown in a haphazard and patchy manner, and to spread it from England and Holland over most of the European continent.

É seguro substituímos o termo “socialista” para “progressista” sob a ótica do século XXI, muito pela queda da União Soviética e enfraquecimento dos ideais socialistas – ainda que McCloskey utilize ambos os termos. Todavia, a mensagem de Hayek (2007) – e agora de McCloskey (2016a e 2017) – se mantém: tanto a esquerda como a direita apresentam uma hostilidade a competição e permanecem em um vício de debater a melhor maneira de violentar a minoria máxima da sociedade, o indivíduo. Hayek (1992) define um conservador como um agente que teme a mudança. Nesse aspecto, pode ser relacionado tanto ao meio social como econômico, bandeiras que se encontram tanto na direita como na esquerda. A consequência é que tanto Hayek quanto McCloskey acreditam que as intervenções e coerções de ambos lados abrem espaço para a tirania e o medo. É um cenário de retrocesso e retardo de enriquecimento dos povos.

Hayek (2007, p. 85) ainda postula, “[T]he liberal argument is in favor of making the best possible use of forces of competition as a means of coordinating human efforts, not an argument of leaving things just as they are”. Em relação a tal ideia, McCloskey (2016a) retrata como as sociedades – primeiramente da Holanda e Inglaterra – perderam a influência de uma retórica aristocrática em que as decisões eram tomadas a partir de confrontos e guerras, sendo substituída por um movimento retórico burguês em que o discurso e a persuasão tomam a frente dos negócios. As pessoas comuns, através do mercado, adquiriram honra ao comercializar os seus bens e serviços.

The change in rhetoric was historically unique, the honoring of people who claimed no privilege of robe or sword and merely worked at the business of ordinary life, serving rather than being served (...) yet finding honor in such tasks. It signaled the shift to bourgeois civilization. (MCCLOSKEY, 2016, P. 227).

Dessa forma, para o século XXI, McCloskey (2017) sugere que um liberal – e a sua sociedade liberal – tenham como principal instrumento de inovação e aumento de riqueza a oratória, não a violência ou qualquer ato coercitivo. Para ela, desde 1776 – a publicação da obra de Smith e concretização do Liberalismo no Reino Unido – mulheres, escravos, homossexuais e os pobres passaram a ter a oportunidade de seguirem seus próprios projetos não pela força física, mas sim pelas palavras<sup>37</sup>.

Retornando ao clero conservador da direita e da esquerda. Mill (1859), Hayek (1992) e McCloskey (2017) postulam que a tolerância é uma das características essenciais do liberalismo. Hayek (1992) ainda afirma que um liberal entende que não detém de todas as informações ou conhecimento, mas diferente do conservador, é a favor da evolução das ideias para que possa reduzir sua ignorância.

Diante de nossa pesquisa, se torna difícil colocar McCloskey em uma escola de pensamento única. De uma maneira eclética, a economista adiciona ética ao argumento da Escola de Chicago através de uma retórica austríaca – considerando que ambas Escolas não negam os fundamentos do Liberalismo Clássico. Uma fusão de políticas econômicas liberais – e ortodoxas, muito semelhantes à de Friedman e seu “Capitalismo e Liberdade” (2002) – com a ética empreendedora de Kirzner, Hayek e Mises<sup>38</sup>. As influências de Chicago e dos austríacos fundamentam o argumento mccloskeyano. O que merece destaque, no entanto, independente da Escola de Pensamento, é o que a presente monografia já afirmou que a Ética Burguesa apresentada na Trilogia de McCloskey é a demonstração do seu método cujo princípio chave é a Retórica.

Em McCloskey (2016a e 2017), a autora, ao abordar o governo, se assemelha muito aos *chicagoans* quando postula algo como “*the government does have a role*”, “*a role*” de manter o mercado competitivo e garantir a livre iniciativa. Como Friedman (2002), a norte americana critica as intervenções do governo em políticas industriais – definindo os “campeões nacionais”

---

<sup>37</sup> Já descrevemos em outras oportunidades como McCloskey apresenta um caráter otimista em relação ao seu trabalho. A economista garante uma importância significativa a retórica e ao discurso. Mas a história nos mostra como os movimentos sociais de libertação de classes, gêneros e raças também tiveram seus confrontos violentos.

<sup>38</sup> McCloskey (2018b, p.1), para sorte ou azar da pesquisa, reflete que “[I] can be classified as a late convert to the Austrian School, a fellow traveler.” Seria injusto simplesmente levar tal afirmação em consideração após toda uma análise histórica de seu trabalho. Iremos focar na última sentença, em que ela se destaca como uma viajante entre as escolas. Há uma mescla significativa entre Chicago e os Austríacos que merece um destaque maior. Ver MCCLOSKEY, D. N. What’s Still Right with the Austrian School of Economics: A Comment on Boettke. **Advances in Austrian Economics**. 2018b

- e agrícolas, além de ser contra, também a políticas de salário mínimo. McCloskey (2017, p.15) ainda afirma,

Interventions in the wage bargain in Chicago such as the governmentally enforced minimum wage, and interventions in the location of economic activity such as zoning, and interventions in consumption such as the war on drugs itself, make such places economic deserts. No factories, no grocery stores, no incomes.

Como postulado, o *humanomics* explorado na Trilogia Burguesa (2006, 2010 e 2016a) abre espaço para o Liberalismo que McCloskey deseja que as sociedades adotem. Afinal, para ela, foi justamente tal ideia nos séculos XVIII e XIX que nos trouxe até aqui. Assim, McCloskey (2017) garante alguns axiomas para o seu movimento, uma maneira de reafirmar as ideias perdidos do pensamento liberal. Primeiro, para ela, as sociedades devem se concentrar na redução da pobreza e dos menos privilegiados, não através de políticas intervencionistas para reduzir a desigualdade de renda. Mas sim, através do aumento da produtividade através da livre iniciativa, educação e igualdade perante a lei.

Em segundo lugar, os liberais necessitam criticar tantos os conservadores quanto os progressistas – alinhando-se com o pensamento de Hayek (1992). Se no século XX houve uma aliança entre o liberalismo e o conservadorismo para controlar ascensão dos países socialistas, não é mais o caso no século XXI. A direita e a esquerda deturpam a liberdade sobre os seus interesses – monopólios, proteção do Estado, sindicatos, etc – e retardam o desenvolvimento dos povos.

Somando essas duas regras, temos uma terceira: os liberais são os radicais! É dever das pessoas em fortalecer as causas das minorias, dos movimentos das mulheres, das reivindicações de diferentes raças e etnias. É um resgate do ideal igualitário de Locke, Smith e Mill em que as pessoas nascem livres, têm o direito de igualdade e justiça sociais. O Grande Enriquecimento, o fator de 16, 20 e até 30 em algumas sociedades não ocorreram apenas através da liberdade econômica, mas também pela ética. Os bens e serviços que podemos consumir desde 1800, para McCloskey, é o reflexo da liberdade e da dignidade das pessoas comuns em inovarem. A livre iniciativa, as trocas voluntárias, a compra por um preço baixo e a venda por um preço mais alto tem uma ótica ética que é ignorada pelas explicações convencionais da ciência. O método mccloskeyano objetiva livrar os cientistas de tais argumentos ao mesmo tempo que deseja livrá-

los da violência dos conservadores e progressistas, visando a liberdade que enriqueceu – e poderá enriquecer, depende do seu otimismo – nas décadas seguintes.

I urge you to reconsider. I want you to become less self-satisfied in your progressivism or your conservatism or even your amiable middle-of-the-road-ism. I want you to realize that they all depend to a greater or lesser degree on an exercise of the monopoly of violence. I want you to admire sweet talk, liberal rhetoric, peaceful exchange. I want you above all to become much less certain than you are now that The Problem is "capitalism" or the Enlightenment, or that liberty can be Taken Too Far, or that government programs, protections, regulations, and prohibitions are usually innocent exercises by wise bureaucrats to better the lives of Americans. With an open mind and a generous heart, my dears, you will tilt towards a humane real liberalism, 1.0. Welcome, then, to a society held together by sweet talk rather than by violence. (...) Young and women and poor of all countries unite. You have nothing to lose but your governmental chains. (MCCLOSKEY, 2017a, p. 21-24).

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente monografia avaliamos os principais pilares da contribuição de D. N. McCloskey nas Ciências Econômicas. Averiguamos seus estudos na história econômica da Grã-Bretanha, seu trabalho pioneiro no campo da metodologia da Economia, advogando a favor da Retórica e da importância de um discurso mais plural no campo científico. Também abordamos a ética e o pensamento liberal da autora. Como postulado, o estudo da história do pensamento nos permite avaliar a evolução das ideias e enxergar os possíveis resultados. No caso de McCloskey, a sua Trilogia Burguesa reflete o trabalho da sua vida.

As teorias econômicas convencionais afirmam que a origem do mundo moderno e a Revolução Industrial no Reino Unido se deram por postulados como acúmulo de capital, direitos de propriedade (Instituições), Imperialismo inglês ou até mesmo a posição geográfica da ilha da Grã-Bretanha. Na Trilogia Burguesa (2006, 2010 e 2016a), McCloskey contra argumenta que tais razões são insuficientes para explicar o verdadeiro porquê da grande marcha de crescimento e desenvolvimento econômicos – o chamado Grande Enriquecimento – terem iniciados no século XVIII, no Reino Unido. A economista postula que há um gatilho pouco compreendido e explorado pelos pesquisadores: Para McCloskey, a origem do mundo moderno se deu através das ideias de inovação e descoberta, liderada por uma retórica liberal através da classe burguesa. A reavaliação da história é também uma reavaliação da burguesia. A partir dessa releitura, a presente monografia procurou investigar como o método mccloskeyano realiza tal tarefa e quais são as eventuais consequências do seu pensamento.

Em primeiro lugar, delimitamos os três pilares da Era Burguesa. Observa-se que as *Sete Virtudes* – Amor, Fé, Esperança, Temperamento, Justiça, Coragem e Prudência - da burguesia, uma vez balanceadas, foram capazes de criar um cenário de *Liberdade* e *Dignidade* para a inovação através da afirmação de uma *Retórica* liberal nos séculos XVIII e XIX pelas pessoas comuns da burguesia.

Em segunda lugar, investigamos as principais influências liberais no argumento da Trilogia Burguesa de McCloskey. Constatamos que a economista herda muito do pensamento liberal clássico. Os cenários de liberdade, tolerância e segurança são observados na obra de Locke (2015), contribuindo com os primórdios do pensamento liberal. Smith e Mill corroboram a ideia do Acordo Burguês, advogando a favor de uma sociedade socialmente igualitária e livre. As questões do individualismo e da livre iniciativa refletem o pensamento dos autores assim como o instrumento retórico que McCloskey postula em sua Era Burguesa.



Em seguida, discutimos a influência da Escola de Chicago no discurso de McCloskey. Averiguamos que, em termos de políticas econômicas, o pensamento da norte americana está alinhado com os *chicagoans*. Toda a questão da desregulamentação, políticas de renda mínima e incentivo à educação estão presentes na Trilogia Burguesa. O que distancia McCloskey da Escola de Chicago, principalmente do “Capitalismo e Liberdade” (2002) de Friedman é o senso ético. Percebemos o excesso de Prudência no discurso dos neoliberais que não condiz com que McCloskey enxerga, nem em método nem na sua reavaliação do mundo moderno. Resultado disso é aproximação da economista com a Escola Austríaca. Um dos pilares da Trilogia Burguesa é a *Liberdade* e a *Dignidade* para inovar e descobrir. Tais postulados observamos em Schumpeter (1982) e Kirzner (1997) cujos ideais se tornam base da retórica da Era Burguesa. O contraponto da Escola Austríaca a Escola de Chicago (neoclássicos) adiciona um senso ético que se alinha com o pensamento de McCloskey. Uma Ciência Econômica mais humana: *Humanomics*.

Dessa forma, após descrever a Era Burguesa e as influências liberais que formam a retórica da Trilogia, investigamos a Retórica mccloskeyana. O seu método é retórico – o discurso e as palavras importam. É importante salientar o papel das virtudes. O desafio de realizar uma pesquisa interdisciplinar está na utilização de todas as virtudes – o auto-interesse, a racionalidade e as maximizações importam, mas para McCloskey, é preciso mais. Como posto, os economistas tendem a focar seus trabalhos muito no *Prudence Only*, enquanto os sociólogos utilizam as outras seis virtudes e ignoram a Prudência. O verdadeiro comportamento de uma variável necessita de todas as *Sete*. A Retórica McCloskeyana objetivou reformular o laboratório da verificabilidade do Positivismo Lógico, introduzindo a interdisciplinaridade que, para ela, reflete com mais precisão as pesquisas nas Ciências Sociais.

A resposta de McCloskey a Thomas Piketty e o seu “Capital no Século XXI” (2014) mostra a união das duas retóricas discutidas: a metodológica em que o economista francês detém de uma pesquisa plural, unindo dados históricos e estatísticos – defendidos pela autora na década de 1980; e a ética, ponto central da americana para alertar o pessimismo do autor quanto os caminhos do século XXI. McCloskey (2014) demonstra como o Acordo Burguês, através de um movimento retórico, foi o gatilho para o início do mundo moderno e do Grande Enriquecimento que ainda está em vigor, na tentativa de retirar o pessimismo do economista francês frente o século atual.

Compreendido o duplo sentido do método retórico de McCloskey. Fomos capazes de compreender que a sua releitura das origens do mundo modernos, através da Retórica, formam

também uma chamada de proposta alternativa de desenvolvimento e crescimento econômicos. McCloskey acredita que a discussão dos cleros conservador e progressista/socialista apenas atrasam a evolução das nações, garantindo regulamentações no mercado, repressão das minorias e empobrecimento das classes mais pobres. A respeito de muitas questões acerca de valores e virtudes, a abordagem da Sociedade Burguesa de McCloskey retira o pessimismo que vem sendo direcionado ao Liberalismo, principalmente pelos conservadores e progressistas. Questões como o individualismo e o *homoeconomicus* racional/maximizador podem ter, mesmo que não fosse os seus objetivos, mascarado os verdadeiros avanços da sociedade que McCloskey explorou na sua reavaliação dos séculos XVIII e XIX.

O método de McCloskey demonstra que a retórica liberal é o princípio chave para que os cenários das minorias e dos pobres se invertam. De maneira que estes detenham de maiores representatividades, enriqueçam e as nações prosperem. Há uma súplica para que a persuasão e poder das palavras se sobreponham a violência dos extremos. O discurso observado nos séculos XVIII e XIX – o Acordo Burguês - que iniciou o Grande Enriquecimento, para McCloskey, precisa ser reafirmado garantindo a grande marcha de desenvolvimento no momento atual. A Trilogia Burguesa e a Retórica de D. N. McCloskey se tornam um Manifesto de um (novo) Liberalismo.

McCloskey reestruturou a histórica econômica, de 1700 até hoje. Em sua tentativa, reformulou o método e postulou que os pensamentos tradicionais acerca do mundo moderno estavam equivocados. Ao realizar a releitura das origens, McCloskey apresenta a Ética Burguesa: a reavaliação da história e da burguesia. É a maneira como a economista demonstra o seu Método Retórico. Além disso, se de um lado as *Sete Virtudes* são os instrumentos do *Método Retórico*, elas também são os pilares da *Ética Retórica* que libertou as pessoas comuns no século XVIII através do Acordo Burguês. E para o século XXI, essa mesma retórica liberal necessita se reafirmar para garantir a continuidade do Grande Enriquecimento. Assim, concluímos que seu programa tem um propósito metodológico, mas também ético. A Reavaliação do mundo moderno – a Trilogia Burguesa - foi fundamentada essencialmente pela Retórica de McCloskey, apresentando um caráter libertário tanto na história como no método.

## REFERÊNCIAS

- BLAUG, M. **Metodologia da Economia ou como os Economistas Explicam**. São Paulo: Ed. USP, 2 ed. 2016.
- BORGES, M. A. Ideologia antes da retórica: uma abordagem ontológica. In: Paulo Gala; José Márcio Rego. (Org.). **A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica: Ensaios sobre Metodologia em Economia**. São Paulo. Ed. 34, p. 173-188. 2003.
- CALDWELL, B. **Beyond Positivism**. Routledge, 2010.
- FERNADÉZ, R. McCloskey, Maki e a Verdade. In: Paulo Gala; José Márcio Rego. (Org.). **A História do Pensamento Econômico como Teoria e Retórica: Ensaios sobre Metodologia em Economia**. São Paulo. Ed. 34, p. 119-150. 2003.
- FRIEDMAN, M. **Capitalismo e Liberdade**. LTC Editora, 3 ed, 2002.
- \_\_\_\_\_. Neoliberalism and its prospects. **Farmand/Human Events**, p. 89-93. 1951
- HAYEK, F. A.; The Price System as a Mechanism for Using Knowledge. **American Economic Review**, v. 35, n. 4. 1945.
- \_\_\_\_\_. Why I am not a Conservative. **Centre of Independent Studies**. 1992
- \_\_\_\_\_. **The Road to Serfdom: Text and Documents**. Routledge, 2007.
- HORN, R. V.; MIROWSKI, P. The Rise of the Chicago School of Economics and the Birth of Neoliberalism. University of Notre Dame. 2006.
- KIRZNER, I. Entrepreneurial Discovery and the Competitive Market Process: An Austrian Approach. **Journal of Economic Literature**, v. 35, p. 60-85. 1997.
- LOCKE, J. **Dois Tratados do Governo Civil**. Lisboa: Edições Almedina, 2015.
- MÄKI, U. Performance against dialogue, or answering and really answering: A participant observer's reflections on the McCloskey conversation. **Journal of Economic Issues**. v. 34, n. 1, p. 43-59. 2000.
- MELQUIOR, J. G. **O Liberalismo: Antigo e Moderno**. São Paulo: É Realizações, 3 ed, 2014.
- MILL, J. S. **On Liberty**. Londres. 1859.
- MCCLOSKEY, D. N. **The Rhetoric of Economics**. 2.ed. University of Wisconsin Press, 1998.
- \_\_\_\_\_. Adam Smith Did Humanomics: So Should We. **Eastern Economic Journal**. 2016b.
- \_\_\_\_\_. Two Replies and a Dialogue on the Rhetoric of Economics: Maki, Rappaport, and Rosenberg. **Economics & Philosophy**. p. 150-166. 1988.

\_\_\_\_\_. Why I am no Longer a Positivist. **Review of Social Economy**. v. 47, n. 3, p. 225-238. 1989.

\_\_\_\_\_. Manifesto for a New American Liberalism, or How to be a Humane Libertarian. 2017a.

\_\_\_\_\_. Did Victorian Britain Fail? **Economic History Review**. p. 446-59. 1970.

\_\_\_\_\_. A Kirznerian Economic History of the Modern World. **Annual Proceedings of the Wealth and Well-Being of Nations**. p. 45-64. 2011.

\_\_\_\_\_. The Consequences of Rhetoric. **The consequences of economic rhetoric**, v. 280, p. 286-90. 1988.

\_\_\_\_\_. Measured, Unmeasured, Mismeasured, and Unjustified Pessimism: A Review Essay of Thomas Piketty's *Capital in the Twenty-First Century*. **Erasmus Journal of Philosophy and Economics**. 2014.

\_\_\_\_\_. **The Bourgeois Virtues**: Ethics for an Age of Commerce. 1ª Ed. Londres: The University of Chicago Press, 2006.

\_\_\_\_\_. **Bourgeois Dignity**: Why Economics Can't Explain the Modern World. 1ª Ed. Londres: The University of Chicago Press, 2010.

\_\_\_\_\_. **Bourgeois Equality**: How Ideas, Not Capital or Institutions Enriched the World. 1ª Ed. Londres: The University of Chicago Press, 2016a.

\_\_\_\_\_. **The secret sins of economics**. Prickly Paradigm, p.56, 2002.

\_\_\_\_\_. The Two Movements in Economic Thought, 1700-2000: Empty Economic Boxes Revisited". **History of Economic Ideas**. 2018a.

PIKETTY, T. **O Capital no Século XXI**. 1ª Ed., Tradução Monica Baumgarten de Bolle. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

RICARDO, D. **Princípios de Economia Política e Tributação**. São Paulo: Nova Cultura, 1996.

SALA-I-MARTÍN,X. Piketty y "Capital en el Siglo XXI". Disponível em: < <https://salaimartin.com/randomthoughts/item/720#> >. Acesso em: 6 de Agosto 2018.

\_\_\_\_\_. The World Distribution of Income: Falling Poverty and Convergence. **The Quarterly Journal of Economics**. V.121. n. 2, p. 351-397. 2006.

\_\_\_\_\_. **Economía Liberal para no Economistas y No Liberales**. DEBOLS! LLO, 2001.

SCHUMPETER, J. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

SMITH, A. **A Riqueza das Nações**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.